

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JÉSSICA CZECHOWSKI

AI BOTA ALI O TEU PEZINHO:

AS REPRESENTAÇÕES DA PRENDA NA TRADIÇÃO E NA MÚSICA GAÚCHA

ERECHIM

2021

JÉSSICA CZECHOWSKI

AI BOTA ALI O TEU PEZINHO:

AS REPRESENTAÇÕES DA PRENDA NA TRADIÇÃO E NA MÚSICA GAÚCHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga

ERECHIM

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Czechowski, Jéssica

Ai bota ali o teu pezinho: As representações da
prenda na tradição e na música gaúcha / Jéssica
Czechowski. -- 2021.

49 f.:il.

Orientador: Professor Doutor Gérson Wasen Fraga

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim, RS, 2021.

1. Mulher. 2. Música. 3. Tradicionalismo. 4. Prenda.
5. Representações. I. , Gérson Wasen Fraga, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

JÉSSICA CZECHOWSKI

AI BOTA ALI O TEU PEZINHO:

AS REPRESENTAÇÕES DA PRENDA NA TRADIÇÃO E NA MÚSICA GAÚCHA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

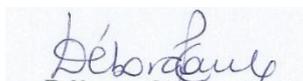
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 14/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga – UFFS

Orientador



Profª. Drª. Débora Clasen de Paula – UFFS

Avaliadora



Profª. Drª. Clarissa Figueiró Ferreira – UFRGS

Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, aos que vieram antes de mim, aos que com muita luta e garra conquistaram o feito de ter uma Universidade Federal na região, proporcionando educação gratuita e de qualidade para estudantes de todo o Brasil que vêm até Erechim buscando mudar sua realidade. Espero que os que virão depois de nós também possam usufruir dessa oportunidade.

Cito aqui duas pessoas que tiveram igual importância neste processo de TCC, são elas: minha mãe e meu orientador. Se não fosse pela Dona Sílvia e pelo Seu Gérson eu não teria conseguido. Pensei em desistir e adiar esse momento diversas vezes, pensei que eu não era capaz diversas vezes. E em todas elas havia a Sílvia puxando minha orelha do meu lado e o Gérson puxando minha orelha virtualmente. Obrigada de verdade, vocês fizeram esse trabalho se concretizar.

Também quero agradecer a todos os professores e professoras que fizeram parte da minha graduação, auxiliando no caminho de me “construir” professora-pesquisadora. Aos amigos que aturaram meus surtos e desabafos, me aconselharam e auxiliaram ao longo da graduação e da escrita deste trabalho, meu muito obrigada, vocês fizeram esse tempo mais leve e suportável.

Por último quero agradecer meu avô Pedro, que em vida tanto gostava de me ver vestida de prenda, dançava e cantava comigo, que tanto se orgulhava que eu tivesse estudando e conversava comigo sobre História como estivesse estudando comigo e sobre as adversidades da vida. Eu sei que tu está me olhando lá de cima, tua primeira neta vai se formar, espero que esteja feliz!

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fazer um resgate histórico da formação do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e da criação da figura da prenda. E, a partir destes, revelar como a música gaúcha contribui na disseminação da imagem de mulher ideal que o MTG propôs. Este trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e por meio da análise de algumas músicas que fazem parte do universo tradicionalista. Ao fim da pesquisa, chegou-se à conclusão de que algumas músicas colaboram na cristalização da prenda como mulher submissa e vinculada ao espaço doméstico, que tem a beleza como principal e único atributo e que é submetida e deve aceitar a violência que o companheiro pode vir a apresentar, já que este é bruto por natureza. Também observou-se que em algumas poucas composições a mulher aparece como dona de sua história, lutando e defendendo a vida. São canções que procuram desconstruir a antiga figura da prenda e formar uma nova imagem, que representa a mulher guerreira que luta por seus direitos.

Palavras-chave: Mulher. Música. Tradicionalismo. Prenda. Representações.

ABSTRACT

The present work aims to make a historical rescue of the formation of the Tradicional Gaucho Movement (MTG) and the creation of the prenda's figure. And by those, reveal how the gaucho music contributes in the dissemination of the image from the ideal woman that the MTG proposed. This work has been carried out by bibliographic research and through the analysis of some songs that are part of the traditionalist universe. In the end of the research, it was concluded that some songs collaborate to the crystallization of the prenda as submissive woman ad linked to the domestic space, who has the beauty as principal and only attribute and who is submitted and must accept the violence that her companion may presents, since he is gross by nature. It was also observed that in a few compositions the woman shows as head of her own history, fighting and defending life. They are songs that seek to deconstruct the old figure of the prenda and to form a new image that represents the warrior woman who fights for her rights.

Keywords: Woman. Music. Traditionalism. Prenda. Representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E A CRIAÇÃO DA PRENDA ...	10
1.1 OS PRIMÓRDIOS DO TRADICIONALISMO PRÉ MTG	10
1.2 O TRADICIONALISMO ENQUANTO ENTIDADE ORGANIZACIONAL	12
1.3 O GAÚCHO TRADICIONALISTA	22
1.4 DO ESQUECIMENTO DAS MULHERES À CONSTITUIÇÃO DA PRENDA	24
2. A PRENDA DO TRADICIONALISMO E A MULHER GAÚCHA NA HISTORIOGRAFIA	27
2.1 OS TRAÇOS DO POSITIVISMO NO TRADICIONALISMO E NA DEMARCAÇÃO DO LUGAR DA MULHER (E DO HOMEM)	27
2.2 O OLHAR DOS VIAJANTES SOBRE AS MULHERES DO SUL	29
2.3 O VESTIDO COMO PONTO CENTRAL NO IMAGINÁRIO DA FIGURA DA PRENDA	32
3. A MÚSICA GAUCHESCA E A QUESTÃO FEMININA	39
3.1 A MÚSICA E AS REPRESENTAÇÕES	39
3.2 UMA ANÁLISE DA PRESENÇA FEMININA NAS LETRAS DAS MÚSICAS	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIA	47

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, tem-se questionado a figura da mulher nos mais diversos espaços e tempos históricos. No Rio Grande do Sul e em sua historiografia, a cena não é diferente. Mais e mais se questiona a figura da prenda, cheia de dispositivos de controle, e como essa figura cria uma espécie de regramento em torno das mulheres gaúchas, principalmente as que fazem parte do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Para tal, existem muitos estudos que tratam dessa temática e evidenciam a prenda como criada para ser submissa ao peão (o homem).

Mas a mulher, e até mesmo a prenda¹, atual não cabe mais nesse espaço que lhe foi imposto tantos anos atrás como lembrança de um tempo anterior. Dentre tantas coisas, se torna necessário observar os processos que transformaram a prenda em uma figura histórica, passando a ser parte integral do patrimônio cultural da região e fazendo parte da memória coletiva, através do conjunto de práticas do Movimento Tradicionalista. E também analisar a produção musical que era feita no início e no decorrer do Movimento e como essa produção se encontra hoje. Se as mudanças acerca da representação da figura da prenda submissa para a prenda livre existem, é preciso mostrá-las.

O tema central deste trabalho é idealização da mulher gaúcha a partir do imaginário da figura da prenda criada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho e como essa idealização é representada nas músicas tradicionalistas. Nesta pesquisa o enfoque central é em torno da problemática acerca das representações da prenda e sua construção, relacionadas ao MTG. O questionamento central é: como as músicas tradicionalistas ajudaram e ajudam a forjar e reafirmar a imagem da prenda como submissa e como esse imaginário produziu efeitos de verdade acerca de como a mulher gaúcha deve “ser” em um sentido amplo (se vestir, se portar...).

Esta pesquisa é de base teórica e prática, e se constituiu através da leitura de documentos oficiais do MTG, escritos e teses dos fundadores do Movimento, bem como escritos acerca da figura da prenda, relatos de viajantes sobre a mulher gaúcha e uma análise de músicas selecionadas para analisar as representações da mulher nas canções. Dentre os objetivos principais deste trabalho estão: verificar como se deu a constituição do MTG e, dentro deste, a

¹ Aqui, trabalho a prenda como uma figura do ideal de mulher, em alguns casos também como a mulher que participa do CTG.

criação da prenda; e questionar e analisar as várias representações da prenda em algumas músicas gaúchas

A construção do trabalho se dará por meio de três capítulos mais as considerações finais. No primeiro capítulo farei um resgate histórico do Movimento Tradicionalista Gaúcho, desde a fase histórica pré MTG em que apenas se pensava em um reduto que cultivasse as tradições até sua constituição e a necessidade de criar um espaço exclusivo para mulheres dentro do movimento. No segundo capítulo entra em foco a figura da prenda, os traços do positivismo que serviram de base para os tradicionalistas na criação dessa ideia de mulher ideal e como as mulheres do Sul, na época que estes tentam “resgatar”, eram vistas pelos viajantes. Analisaremos ainda o vestido, peça de uso da prenda e item central para estruturar o imaginário em torno da mesma. No terceiro capítulo, analiso algumas composições musicais escolhidas para este trabalho e como a mulher aparece representada em cada uma delas. Nas considerações finais exponho o resultado desta pesquisa e reflexões sobre a mulher gaúcha e a construção de sua imagem perante a sociedade.

1. O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E A CRIAÇÃO DA PRENDA

Tradicionalismo é o movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica (mesmo que não se aperceba tal finalidade) com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura: graças ao que a sociedade adquire maior tranquilidade na vida em comum. (LESSA, 1999, p. 18)

Neste primeiro capítulo, procuro fazer um histórico do surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) no Rio Grande do Sul dos anos de seu surgimento (1947/1948) até os dias atuais. Trabalharei como este Movimento, desde sua origem e por meio dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), influenciou nos modos de pensar (e repensar) a história do nosso estado e do que conhecemos como cultura gaúcha e suas criações, sendo mais evidenciado neste trabalho a figura da prenda.

Me apoio no pressuposto de que o mesmo discurso tradicionalista que cria e recria o gaúcho, molda também uma imagem de mulher que é representada pela prenda. Inventam-se a prenda como uma figura que tem a tarefa de gravar uma determinada imagem de mulher que passa a ser cultuada como parte da memória gaúcha. E é essa imagem que passa a virar alegoria dentro dos versos tradicionalistas das mais diversas maneiras, como veremos no último capítulo.

1.1 OS PRIMÓRDIOS DO TRADICIONALISMO PRÉ MTG

Ao iniciar minha pesquisa sobre as raízes do Tradicionalismo gaúcho, deparei-me com o santa-mariense Major João Cezimbra Jacques, que no ano de 1898, fundou o “Grêmio Gaúcho” em Porto Alegre: uma entidade voltada para o culto das “tradições gaúchas”. Uma patriótica sociedade” criada porque:

(...) sentimos a necessidade de não deixarmos adormecer ou de não olvidarmos o nosso deslumbrante passado, para que ele possa atuar constantemente sobre o nosso presente e o nosso futuro, produzindo seus efeitos salutares (JACQUES, 1997, p.50).

Cezimbra Jacques expõe no seu livro “Assumptos do Rio Grande do Sul”, editado em 1912, uma concepção que lida com os “admiráveis acontecimentos” de uma “brilhante história”, ocorrida em um “passado glorioso”, edificado pelos “grandes vultos”, que são frutos de uma “valorosa raça”. O autor acredita que a “salvação” dos problemas então atuais estaria nas lições do passado, mas sem desprezar o progresso, reforçando a ideia de que:

Progreir é substituir o difícil pelo fácil, o pior pelo melhor, é aperfeiçoar o que existe e o que é insubstituível; mas nunca apagar o que há de fundamental pertencente ao ser que progride, porque isto importa em dissolvê-lo ou anulá-lo (JACQUES, 1997, p. 56).

Cezimbra Jacques defendeu a ideia de que existe um aglomerado de traços que formam o característico de um povo, e cada um é reconhecido pelas suas particularidades da raça. Sendo assim, o gaúcho sul-riograndense tem traços característicos que lhe distinguem, como a habilidade especial para as lidas rurais, a lealdade, a franqueza, a sinceridade, a hospitalidade e o cavalheirismo.

No art. 1º dos Estatutos do Grêmio Gaúcho, fica evidenciado o culto ao herói, distinguindo o que seria comemorado como “tradições gaúchas”, pois dentro do princípio de “separar o joio do trigo” era preciso alimentar tudo quanto de bom existiu pelo feito dos nossos “maiores homens”:

(...) é uma sociedade civil com personalidade jurídica, composta de número ilimitado de sócios e sem distinção de nacionalidade, sexo, culto religioso ou político e tem por objetivo, congregar seus associados para fins recreativos, culturais, esportivos e especialmente cultivar as tradições gaúchas, inspiradas na personalidade inconfundível do ínclito Gal. Bento Gonçalves da Silva (apud MARIANTE, 1976, p.16).

Segundo Helio Mariente (1976), o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, fundado em 20 de maio de 1898, deu origem a outras entidades similares formadas no estado e todas elas foram constituídas dentro dos princípios cívicos, como “patrióticas agremiações”. Porém, com o decorrer do tempo e, principalmente, com as políticas do Estado Novo (1937-1945) que prezavam uma unidade nacional sob o lema “grande é só o Brasil”, foram combatidos os símbolos regionais. Assim, o destino dos clubes tradicionalistas foi fechar ou transformarem-se em agremiações cuja as finalidades de culto as tradições já não eram mais privilegiadas.

Abandonando o culto à memória do passado, este conjunto de entidades não mais constituía-se em uma referência tradicionalista. Tanto que, em 1959, no VI Congresso Tradicionalista, realizado em Cachoeira do Sul, Cezimbra Jacques foi proclamado “Patrono do Tradicionalismo”, mas as organizações pioneiras não foram reconhecidas como células do Tradicionalismo, ainda que, Segundo Cláudia Pereira Dutra (2002), nos dias atuais, este ideal seja oficializado no estado, seguido nas escolas, celebrado nas solenidades governamentais, divulgado através dos meios de comunicação de massa e vivenciado por milhares de pessoas.

Como já havia comentado, este período também foi marcado pelo regime ditatorial instaurado por Getúlio Vargas, que adotou uma política centralizadora, acabou com os partidos

e com os símbolos regionais, e determinou uma cerimônia de queima das bandeiras e a abolição dos hinos estaduais. Este episódio ficou profundamente marcado na "alma" dos gaúchos. Alzira Vargas do Amaral Peixoto (1960), ao narrar este momento em seu livro de memórias, assim o descreve:

Apesar de aplaudir com entusiasmo esta iniciativa resolvi não comparecer à cerimônia matinal. Doía-me assistir à queima da velha bandeira dos Farrapos, que durante tantos anos simbolizara a vida do meu Estado, cobrira os corpos valentes de tantos gaúchos mortos em combate, e fora bandeira idolatrada por meu avô. Doía-me saber que o "Salve o Vinte de Setembro, precursor da liberdade"; que eu aprendi a cantar no colégio, nunca mais seria tocado; viveria apenas como uma recordação, um dobre de finados (p.336).

Com a queda da Ditadura Vargas o cotidiano regional começou a ser repensado. A imprensa começou a atuar livremente e os intelectuais tornaram a divulgar o Brasil como uma nação de vários segmentos culturais. Foi neste clima de mudanças e renovação que emergiu o Movimento Tradicionalista Gaúcho que conhecemos nos dias atuais.

1.2 O TRADICIONALISMO ENQUANTO ENTIDADE ORGANIZACIONAL

O Movimento Tradicionalista da atualidade, vivido nos CTGs e organizado pelo MTG, que faz congressos, bailes, concursos e rodeios, tem início nos anos de 1947/1948, o ano de fundação do Departamento de Tradições Gaúchas (DTG) pelos alunos do Colégio Estadual Júlio de Castilhos em Porto Alegre e o ano da fundação do “35”² CTG, respectivamente. O MTG tem sua história oficial contada pelos seus fundadores, que através de suas narrativas fizeram uma rememoração dos momentos desencadeadores da retomada do Tradicionalismo no Rio Grande do Sul, nos anos citados. Esta história já contada refere-se às obras dos chamados “tradicionalistas históricos”, os que criaram o MTG e são celebrados como “guardiões da memória” tradicionalista.

Para melhor compreender o Movimento, primeiramente veremos os discursos que contam a história do MTG em livros que são também relatos biográficos. Nestes relatos, há a construção de uma memória individual e, por meio dela, a produção de “memória coletiva”, com pontos bem articulados que manifestam uma visão de história e da tradição, considerando sua transmissão e perpetuação³.

2 Nome do primeiro CTG do estado, alusivo ao início da Revolução Farroupilha em 20 de setembro de 1835.

3 Maurice Halbwachs (1990) entendeu a memória principalmente como um fenômeno social, ou seja, um fenômeno construído coletivamente e submetido a constantes transformações. A reconstrução da memória não é

Há uma certa sincronia nos relatos, pois sempre Paixão Côrtes aparece como idealizador do Movimento. Barbosa Lessa é seu intelectual e Glaucus Saraiva seu organizador. Estes são chamados de tradicionalistas históricos, juntamente com outros que foram integrantes do “Piquete da Tradição” em 1947 e os fundadores do “35” CTG.

Para esses tradicionalistas históricos, escrever a história era parte indispensável do papel que desempenham. Cyro Ferreira, um dos fundadores do MTG, relembra que seu companheiro Saraiva, primeiro patrão do “35” CTG, sempre que o encontrava, dizia:

-Cyro, estamos cometendo um pecado para com o nosso “35”, enquanto estamos vivos temos que escrever a **verdadeira história** do nosso Centro e do próprio Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, antes que outros o façam, **sem a devida autoridade da causa.** (FERREIRA, 1999, p. 17, grifo nosso)

No MTG acontece um processo semelhante ao que o autor Michael Pollack (1992) chamou de “solidificação da memória”, pois as lembranças dos tradicionalistas pioneiros⁴ trazem como símbolos os mesmos lugares, os mesmos personagens e os mesmos acontecimentos do ano de 1947, quando os “tradicionalistas históricos” criaram o Departamento de Tradições Gaúchas (DTG) no Colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre, ou os acontecimentos do ano de 1948, quando fundaram o “35” CTG.

As comemorações que se desenvolveram a partir da proposta do núcleo estudantil do Colégio Júlio de Castilhos de formar o DTG fazem parte do conjunto de elementos designados pelos fundadores do movimento para serem preservados como memória tradicionalista. As primeiras ações realizadas nesta nova fase do Tradicionalismo no Rio Grande do Sul para homenagear os heróis farroupilhas e o gaúcho e seu modo de vida, idealizado como herói do passado campeiro, foram consagrados como marcos fundamentais do MTG⁵.

As atividades realizadas pelo DTG foram publicadas pelo jornal Correio do Povo, informando que:

O Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos, sentindo a necessidade de perpetuação das tradições gaúchas fundou, aliando com seus já numerosos departamentos, o das "Tradições Gaúchas" (...) este departamento levou representado por

entendida como um acontecimento isolado, mas de um grupo, vista como fator de aglutinação dos membros de uma determinada sociedade. A criação da memória coletiva é, neste caso, vinculada à produção da identidade regional, compreendida como uma estratégia de sobrevivência do grupo frente a uma situação de ameaça e perda de identidade nos momentos de ruptura.

4 Tradicionalistas pioneiros seriam os que “criaram” as tradições nas quais os tradicionalistas históricos se basearam para formar o movimento.

5 Antonio Montenegro (1997) analisa que o sentido da comemoração é indissociável ao sentido de restabelecimento de marcas, que através de rituais, ressignifica o passado.

diversos alunos com trajes característicos do verdadeiro gaúcho, montado em `pingos' aperados a capricho, até o Panteão RioGrandense, os restos mortais do inesquecível David Canabarro. No dia 7 de setembro, antes de ser extinto o fogo da Pátria, os Cavaleiros deste Departamento transportaram até o velho casarão do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, uma centelha do fogo que foi inflamar o `candeeiro' armado no salão do prédio. O fogo da Pátria ficará, desta maneira, presente no Júlio de Castilhos até o dia 20 de setembro vindouro, de onde será transportado também a `pata de cavalo' até o local onde se realizará o grande baile das Tradições Gaúchas, devendo ser extinto às 24 horas do dia mencionado. O período que vai de 7 a 20 de setembro foi denominado pelos julianos de `Ronda Gaúcha', dentro do qual serão realizadas conferências sobre os temas regionais folclóricos. Ainda no baile de 20 de setembro serão oferecidos finos prêmios aos tipos mais sugestivos que se apresentarem em trajes característicos do nosso pampa. (...) A Diretoria do Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos nomeou para Direção deste Departamento (...) o colega João Carlos Paixão Côrtes (apud CÔRTEZ, 1994b, p.49-50).

Todos os primeiros passos do Movimento que estava sendo organizado em 1947 formaram o “mito de origem”⁶, e foram sacralizados como rituais que passaram a ser seguidos rigorosamente pelo Tradicionalismo dos dias atuais no Rio Grande do Sul.

Para Dutra (2002), com o tempo tudo foi se resignificando: a Cavalgada Cívica com trajes típicos gaúchos transformou-se no Desfile Farroupilha, que acontece na maioria das cidades do estado (e também em algumas cidades de Santa Catarina e do Paraná) em todo dia 20 de setembro, quando se comemora o Dia do Gaúcho e é feriado estadual; a Ronda Gaúcha ou Ronda Crioula⁷ foi oficializada em 1964 como a Semana Farroupilha, que acontece em todo o estado por meio dos Acampamentos Farroupilhas de 14 a 20 de setembro. A Chama Crioula⁸ continuou sendo retirada da pira da Pátria pelos CTGs, mantida acesa de 8 a 20 de setembro, percorrendo todo o estado, e a partir de 1972 este evento transformou-se em solenidade oficial, um ato repetido anualmente no Palácio Piratini, com a presença do Governador do Estado, que recebe a Chama e a mantém num candeeiro⁹ em formato de cuia¹⁰ nas dependências do Palácio do Governo. Tudo é mantido aos moldes do que aconteceu no saguão do Colégio Júlio de Castilhos em 1947. Através da repetição, estes rituais se transformaram em símbolos e acabaram por ser oficializados como “tradição gaúcha”, não mais estando restritos apenas ao convívio dos CTGs, mas também sendo seguidos pelas autoridades e popularmente celebrados.

6 Para Maria Eunice Maciel, em "A Memória Tradicionalista: os Fundadores", o início desse Movimento foi um momento que ficou na memória dos seus participantes como uma narrativa especial, contada aos que ingressam e recordada frequentemente, formando assim um verdadeiro mito de origem (MACIEL, 1999).

7 É uma expressão alusiva ao trabalho de vigilância do gado que o tropeiro faz enquanto a tropa pasta ou pernoita.

8 Fogo simbólico mantido aceso durante o período em que é celebrado oficialmente às tradições gaúchas (Semana Farroupilha).

9 Candeeiro é uma espécie de lamparina, abastecida a querosene e usada na zona rural.

10 Cuia é o recipiente de porongo no qual é preparado o chimarrão ou mate.

Os fundadores do “35” CTG denominaram esta fase de “Nova Arrancada Tradicionalista”, reconhecendo a existência de experiências anteriores fundadas no passado. Porém, evidenciam que não fundaram apenas um novo espaço tradicionalista (o CTG), mas também instituíram uma nova forma de organização do Tradicionalismo (um Movimento Tradicionalista).

Segundo Dutra (2002), em 1947, o Rio Grande do Sul sofria o impacto do avanço da política econômica norte-americana sobre o país, com cerca de 70% da população vivendo da atividade rural. A pecuária recuperava-se dos efeitos econômicos que atingiram o setor durante a II Guerra Mundial (1939-1945) e a agricultura transformava-se com o efeito do uso de novas tecnologias.

Neste quadro ocorreram mudanças: penetração de multinacionais no país, evasão de recursos, manifestações do êxodo rural com a população do campo sendo atraída para a cidade a fim de servir de mão de obra ao setor industrial. Décio Freitas (1998, p.37) analisa que os anos 50 multiplicaram sintomas de estagnação e retrocesso no Rio Grande do Sul: “A degradação econômica e social nos converte a um ritmo alarmante, uma terra de miseráveis. Os gaúchos estão assustados e humilhados”.

Esse gaúcho pobre e cidadão, “gaúcho a pé”, fica cada vez mais distante do gaúcho símbolo: guerreiro e campeiro. Era uma época de mudanças que abalavam a identidade construída, que apresentava a cidade como espaço para onde convergiam todas as atenções, abrindo-se para o mundo e para novas referências culturais. A narrativa de Paixão Côrtes expressa um sentimento de perda, o temor por uma geração que estava ameaçada de não vivenciar as tradições:

Grande parte de nossa geração, que vivera sua juventude durante a ditadura de Getúlio Vargas politicamente desconhecia os símbolos oficiais (bandeira, brasão, hino) da terra gaúcha, pois tais elementos haviam sido banidos do ensino escolar, estavam ausentes dos pórticos e papéis timbrados, das repartições públicas e não figuravam nas cerimônias governamentais do Estado. (...) Vivíamos, agora, em 1947. Os veículos de comunicação escolar, mostravam-se saturados de estrangeirismo (CÔRTEZ, 1994b, p.41-42).

No seu “Manual do Tradicionalismo”, Glaucus Saraiva também expressa esse medo dos perigos do novo ultrapassando as tradições e proclama que, para reverter essa situação, há a necessidade de líderes, “condutores” a serem seguidos pelo povo:

(...) se avolumam os sintomas de um desencanto generalizado e perigoso no seio de nossa gente. Ela está perdendo a fé nos poderes constituídos e aprendendo a desacreditar nos seus condutores. (...) está se criando um clima propício à inoculação de quaisquer ideias alienígenas e antagônicas no espírito

do nosso povo. Há carência de lideranças. Precisa-se de um rumo e um sinuelo (Saraiva, 1968, p.81).

Ainda, segundo Paixão Côrtes, foi frente a esta situação de abandono das tradições que teve início em Porto Alegre, em agosto de 1947, um movimento estudantil a favor das tradições e contra os “estrangeirismos”, em uma época em que ninguém mais pensava em tradição, destruindo tudo aquilo que era considerado “velharia”. A fundação do Departamento de Tradições Gaúchas, junto ao Grêmio Estudantil estava inserido neste contexto:

Esse movimento começou no Colégio Júlio de Castilhos, onde, com vinte anos, fundei, com um grupo de jovens companheiros, o Departamento de Tradições Gaúchas, junto ao Grêmio Estudantil. (...) A preocupação inicial era preservar, desenvolver, proporcionar uma revitalização à cultura riograndense, interligando-a, mais valorizada, no contexto da cultura brasileira. Dentro desse espírito, sugeri (...) a realização do que denominei Ronda Crioula (Ronda Gaúcha) que se estenderia de sete a vinte de setembro, unindo assim as datas mais significativas para os gaúchos – sete de setembro, Independência do Brasil e vinte, início da Revolução Farroupilha (CÔRTEZ, 1994b, p.42-43).

Mostrando sentimento similar ao que levou Cezimbra Jacques a fundar o Grêmio Gaúcho meio século antes, estes jovens se manifestavam contra a ausência da História do Rio Grande do Sul nos currículos escolares, a falta de livros de literatura gaúcha e de música tradicionalista. Para eles, essa arrancada tradicionalista era necessária para preservar e conservar as coisas do passado nos seus “devidos lugares”, para alertar à sociedade dos perigos da destruição dos costumes frente às “forças alienígenas”. E quanto às perspectivas e os rumos, o referido tradicionalista, autor dessa iniciativa, responde:

Buscavam, no entanto uma trilha, diante da perda da fisionomia regional que se processava. A descaracterização precisava ser combatida. O Rio Grande precisava regauchar-se (...). Procuravam a identidade da terra gaúcha (CÔRTEZ, 1994b, p. 43).

Foi nesse contexto que, em 1947, os rapazes do já fundado DTG entraram em contato com os dirigentes da Liga da Defesa Nacional, que colocou, entre as programações da Semana da Pátria alusivas aos 125 anos da independência do Brasil, a transladação dos restos mortais do líder farrapo David Canabarro de Santana do Livramento para o Panteão da Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre. No contato, manifestaram o interesse de participar das comemorações, homenageando os 112 anos da Revolução Farroupilha. Segundo Dutra (2002), foi através de correspondência enviada à Liga que o Departamento de Tradições Gaúchas propôs desenvolver uma série de atividades, entre elas uma guarda de honra, formada por

estudantes vestidos com trajes típicos, que a cavalo, acompanhariam o traslado dos restos mortais do herói farroupilha, em uma cavalgada cívica pelas ruas da capital.

A Liga de Defesa Nacional aceitou a ideia da “guarda de honra” proposta pelo Grêmio Estudantil, e assim formou-se o “Grupo dos Oito”, batizado como “Piquete 27 da Tradição”, composto por: João Carlos Paixão Côrtes, Antônio João Sá de Siqueira, Cilço Campos, Cyro Dias da Costa, Cyro Dutra Ferreira, Fernando Machado Vieira, João Machado Vieira e Orlando Jorge Degrázia. Este foi o grupo de rapazes que saiu pilchado¹¹ pelas ruas de Porto Alegre, em 5 de setembro de 1947, em uma homenagem que é registrada como marco inicial de todo o Movimento.

Este momento revela alguns aspectos importantes do início do Movimento Tradicionalista Gaúcho da atualidade: primeiro, que a Revolução Farroupilha, luta que durante dez anos (1835-1845) confrontou o Rio Grande do Sul ao Império brasileiro, é o grande acontecimento histórico do Rio Grande do Sul a ser reverenciado pelos jovens tradicionalistas. Uma reverência, tal como a introduzida por Cezimbra Jacques nos fins do séc. XIX, que também envolveu o culto aos heróis da epopeia farroupilha, as suas datas e a busca de referências no passado para “iluminar” o presente, imprimindo-lhe um caráter aos moldes da concepção positivista.

Segundo, que o Tradicionalismo, por outro lado, despertou a figura do anti-herói ou “grosso”, traduzindo-se nas resistências que o Movimento sofreu, pois no início não foi fácil recrutar adeptos para a cavalgada, tanto que os seus fundadores revelam que foram conseguidos catorze arreios¹² para desfilar e somente oito jovens dispostos a montar; além disso o Piquete da Tradição causou grande estranheza na sua passagem pelas ruas de Porto Alegre: eles foram chamados de palhaços enfeitados e fantasiados. Em 1989, o Rio Grande do Sul instituiu por lei as vestimentas típicas gaúchas como traje oficial. No entanto, em 1947 os integrantes do Piquete da Tradição foram considerados tipos excêntricos por estarem trajados à gaúcha nas ruas de Porto Alegre (DUTRA, 2002).

Passadas as comemorações de 1947, o grupo de rapazes do Colégio continuou se reunindo e já pensava em dar continuidade ao culto das tradições gaúchas, pois não queriam somente comemorar as datas escolhidas, mas também ensejavam avançar, criando um espaço

11 Vestido com trajes gaúchos.

12 É o conjunto de indumentárias, como pelego, baixeiro, serigote, freio, rédeas, buçal e outros, que são usados para encilhar o cavalo e para montar.

permanente de vivência da tradição. Este momento faz parte da memória dos seus criadores, como é evidenciado nas palavras de Barbosa Lessa:

Mas a coisa talvez tivesse parado por aí, na esfera cívica, se não tivesse ocorrido a ideia de reuniões permanentes, de periodicidade semanal, a beira de um fogo-de-chão, com a cuia de mate alimentando a inspiração de causos, com isso trouxemos para o cosmopolitismo da capital o fenômeno interiorano do galpão, reduto masculino dos peões de estância, serviu como elemento formal para a identificação da gurizada de formação campesina (...) (apud CÔRTEZ, 1994b, p. 76-77).

Uma coisa importante a se destacar é que o Movimento é urbano, levado por pessoas que, muitas vezes, nunca tiveram uma vivência no campo. Mesmo o convite para a primeira reunião de discussão a respeito da criação de uma entidade tradicionalista, dirigia-se aos citadinos:

Aqui trazemos um convite aos gaúchos que, embora residindo na capital e tendo hábitos citadinos, guardam ainda nas veias o sangue forte da terra rio-grandense. É sobre a fundação de um clube tradicionalista. Terá como finalidade reunir num mesmo rodeio os grupos de muitas querências do Rio Grande do Sul, mas agora residindo em Porto Alegre. No primeiro sábado de novembro realizaremos uma reunião preparatória das atividades, para que todos sejam orientados, e assim entrem na cancha, em março, de relho em pé, prontos para a vitória. Viva o Rio Grande do Sul (LESSA, 1985, p.57).

Com esse convite, em janeiro de 1948 realizou-se a reunião que deu origem ao "35 Centro de Tradições Gaúchas", o primeiro CTG criado no Rio Grande do Sul, que tem como lema a frase "Em qualquer chão sempre gaúcho". Um lema que afirma a ideia de manter a diferença com relação aos demais estados da federação, guiado por um orgulho de ser gaúcho, um forte sentimento nativista, de amor à terra natal, que se traduz no apego pelas coisas ligadas a ela, as quais não podem ser desvirtuadas ou descaracterizadas, devendo permanecer puras e autênticas.

Ao descrever sobre as finalidades, o Boletim nº 1 do "35"- CTG expõe este sentimento:

A finalidade do 35, sob o aspecto cultural, é o estudo do folclore e da história do Rio Grande do Sul e sua divulgação da palavra falada, ou escrita, da música, da dança, das artes, ou da prática campeira. Sob o aspecto político, o anseio do 35 é preservar a pureza da nacionalidade que se transfigura neste sufocante entrechoque de culturas estranhas à nossa formação social. É anseio do 35 fazer voltar todos aqueles que hoje habitam o Rio Grande do Sul ao ponto de partida comum, às raízes de nossa formação, para que – movidos por idênticas aspirações – possamos avançar irmanados e confiantes, traçando as linhas do futuro sem esquecer as lições do passado (apud CÔRTEZ, 1994b, p.135).

A partir da fundação do "35", em 24 de abril de 1948, foram sendo criados Centros de Tradições Gaúchas por todo o Estado, chegando hoje a um número de 2.575 CTGs e 4.031 Piquetes/Entidades Similares, segundo dados da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG, 2019). O modelo de "estância¹³ simbólica", do "35" CTG é seguido por todos os Centros de Tradições Gaúchas, ou seja, cada entidade é representada por um "galpão¹⁴ simbólico", onde o Presidente é o Patrão¹⁵, o Vice é o Capataz¹⁶, o 1º Secretário é o Sota-Capataz¹⁷, os demais Diretores são os Posteiros¹⁸, os Departamentos são chamados de Invernadas¹⁹, o conselho Fiscal é o Conselho de Vaqueanos²⁰ e os demais associados são os peões²¹. Foi depois de um tempo que passaram a chamar os meninos de "piás" e as mulheres e meninas de *prendas*.

Essa nomenclatura, foi criada por Glaucus Saraiva, escolhido 1º Patrão do "35", que teve Barbosa Lessa como 1º Capataz e Paixão Côrtes como 1º Patrão de Honra – a “Santíssima Trindade do Tradicionalismo”²². Porém a simbologia da estância foi sendo inventada aos poucos e levou dois anos para ser oficializada e aprovada pelo regulamento interno, em 1950.

O Tradicionalismo difundiu representações, construídas pela “Cultura Tradicionalista”, do que seria o gaúcho e o Rio Grande do Sul no passado, adotando elementos novos que são confundidos com antigos e todos eles adjetivados como puros e autênticos. Tudo parece antigo e histórico, mas por vezes esquecemos de nos dar conta que o Tradicionalismo, como o conhecemos hoje, foi criado há apenas 70 anos atrás. Para Maria Eunice Maciel (1999b, p.136), estas construções “são adotadas como ‘oficiais’ e tidas como parte da ‘cultura tradicional’, exemplos de ‘autênticas tradições do Rio Grande do Sul’”.

Para organizar todas estas entidades que surgiram após a criação do “35” e para definir os rumos do Movimento, em 1954 foi realizado o I Congresso Tradicionalista, no CTG “Ponche Verde”, na cidade de Santa Maria. Neste Congresso foi aprovada a importante tese de autoria

13 Estância é o estabelecimento rural destinado à criação de gado, formado por uma grande extensão de terra. Também é conhecida como fazenda de criação.

14 Galpão é uma construção rústica que faz parte da estância, e serve de alojamento para os empregados nas horas de descanso.

15 Patrão é o proprietário da estância.

16 Capataz supervisiona o trabalho dos peões e administra a estância.

17 Sota-Capataz é o capataz adjunto.

18 Posteiro mora nas terras da estância, ajuda a realizar algumas tarefas e cuida dos limites do campo.

19 Invernada é uma extensão de terra cercada, dentro da estância, que serve para apartar uma parte do gado.

20 Vaqueano é um homem ágil e que conhece bem a região, por isso serve de guia ou condutor.

21 Peão: empregado da estância que realiza serviço pastoril.

22 Antônio Augusto Fagundes usa esta expressão para destacar a importância desses três nomes do Tradicionalismo.

de Barbosa Lessa, denominada “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo”, documento teórico de maior importância para o Tradicionalismo que estava surgindo no Rio Grande do Sul.

Este documento de Barbosa Lessa identifica um processo de desintegração da sociedade causado pelo enfraquecimento das culturas locais (constituídas pelo seu Patrimônio Tradicional, os seus hábitos, seus princípios morais, seus valores, etc., que são compartilhados por todos) e o desaparecimento dos “grupos locais” (pequenas unidades sociais compostas por pessoas que vivem juntos numa determinada área, compartilhando hábitos e noções comuns, como o bairro, a vila, a vizinhança, o distrito, etc.). Combater estes fatores de desintegração social, reforçando o núcleo da cultura rio-grandense através dos Centros de Tradições Gaúchas, é o objetivo apontado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho que estavam criando.

Diante dos rumos que estava tomando o Tradicionalismo, cada vez mais constituindo-se em um movimento de grande porte (se estima que atualmente envolva dois milhões de pessoas), os tradicionalistas começaram a sentir falta de um órgão que servisse para unificar e enquadrar o Movimento dentro de uma mesma regra. Segundo seus militantes, este organismo era necessário para estudar e ditar normas de interesse geral, trocar experiências e aproximar os CTGs. Para cumprir esse objetivo, fundaram em 1966, no XII Congresso Tradicionalista, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, conhecido pela sigla de MTG.

Como já comentado neste capítulo, os pioneiros do Movimento Tradicionalista Gaúcho são tratados como aqueles que têm a propriedade de escrever a sua história. No prefácio da obra de Paixão Côrtes, “Origem da Semana Farroupilha e Primórdios do Movimento Tradicionalista”, Flori Wegher (1994, p.15) escreve que a mesma “preenche uma lacuna histórica e cultural há muito existente (...) agora, com a garantia da fidelidade e da insuspeita narrativa a temos de maneira completa”. Também Antônio Augusto Fagundes, prefaciando o livro “35-CTG: O Pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho”, no texto “A Verdadeira História do Tradicionalismo”, remete aos jovens de 1947 a iniciativa de começar o Tradicionalismo que conhecemos hoje no Rio Grande do Sul.

Nota-se a ilusão de totalidade, de preenchimento das brechas e a pretensão de reconstruir por completo o passado, numa perspectiva absolutamente divergente àquela expressa por Paul Veyne (1983, p.15), para quem a história é sempre lacunar. Veyne escreve que, em hipótese alguma o que os historiadores chamam de acontecimentos é agarrado direta e inteiramente, é sempre incompleto e lateralmente, através de testemunhos e documentos, dos vestígios que perduram: “Portanto a história é um conhecimento mutilado”.

Infelizmente não cabe aqui, muito pela falta de espaço, debater se os jovens do Colégio Júlio de Castilhos realmente preencheram essas lacunas históricas. O principal é investigar

quais os elementos constitutivos deste gaúcho vivenciado pelo Tradicionalismo, quais os símbolos e valores nele contidos são capazes de construir uma “identidade gaúcha”. Mas não posso deixar de citar Tau Golin (1983), que expõe uma contradição entre a estância perfeita e a imaginada pelos fundadores:

O Tradicionalismo, em suas atividades, enfumaça a visão social ao atribuir à estância o sentido de “universo”. Iguala o peão e o patrão simplesmente por ambos usarem bombachas, botas, etc. A realidade se cristaliza quando se concebe o peão como ele realmente é, o trabalhador rural assalariado (ou submetido a outras formas de pagamento), que vende a sua força de trabalho ao patrão, que, por conseguinte, vai aplicá-la na produção da estância. (GOLIN, 1983, p.58)

O mesmo que ocorre com os peões ocorre com os escravizados quando da tentativa de criar uma narrativa igualitária entre patrão e escravo que coloca em evidência uma concepção que admite a possibilidade da existência de uma “escravidão amena”, ignorando completamente a contradição entre estas duas palavras e reduzindo a sua explicação aos efeitos do meio geográfico e da raça, em uma abordagem positivista que subordina os acontecimentos às “leis gerais” de uma suposta “ordem natural”. O meio teria feito o gaúcho diferente, e por conta disso dotado de boas qualidades:

Dentro de sua altivez tradicional, da sua felicidade inata, o gaúcho nunca admitiu proeminências de classes ou de raças. A democracia e a liberdade são necessidades vitais para o gaúcho (...) (GOULART, 1985, p.15).

De acordo com o professor Jorge Euzébio Assumpção, a participação dos negros na Revolução Farroupilha é “envolta em mitos” e romanceada. Se sabe que os negros constituíram o “alicerce do Exército” dos farroupilhas. A infantaria dos farrapos era basicamente feita de negros, que junto com os indígenas, formavam a “bucha de canhão” nessa guerra. Os negros que lutavam ao lado dos farrapos eram não só escravos do Império que haviam sido capturados pelos rebeldes, mas também escravos dos próprios rebeldes estanceiros, e houve um acordo entre as partes: “lutem por nós e vamos libertá-los”, era o trato oferecido pelos líderes farroupilhas aos negros (ASSUMPCÃO, 2016).

Em 1844, já ao final da guerra, os farrapos estavam vencidos, e os negros que lutaram o tempo todo ao seu lado acabaram se tornando uma inconveniência. O Império, nas tratativas de paz com os rebeldes, não aceitava que eles fossem libertados, pois formariam uma “massa sem controle que não iria mais se submeter a um senhor”. Segundo Assumpção, foi nesse contexto que ocorreu a chamada Traição de Porongos, um banho de sangue em que os negros

foram traídos pelos farroupilhas para que fosse feito o acordo de paz. Os negros perderam uma guerra que nem mesmo era deles.

1.3 O GAÚCHO TRADICIONALISTA

Se sabe que a figura do gaúcho sofreu profundas transformações, em diferentes contextos e momentos históricos, até chegar ao significado que atualmente é seu lugar comum. Historiadores, bem como escritores de forma geral, e até mesmo viajantes estrangeiros, contribuíram para a transição de um termo que pejorativamente representava o ladrão de gado, contrabandista, enfim, um homem “vadio”. Com o tempo, a expressão “gaúcho” foi sendo reconstruída ao ponto de ser usada quase como um sinônimo de herói (DUTRA, 2002). Mas cabe aqui tratar especificamente do gaúcho que o MTG escolheu para imortalizar dentro do Movimento

Para Dayse Lange Albeche (1996), houve uma difusão histórica do símbolo do “gaúcho”, fazendo com que seu significado variasse conforme os interesses de determinada época. Ao trabalhar o imaginário cultural regional, a autora chama a atenção para os diferentes significados que teve a imagem mítica do gaúcho, variando com o contexto de sua elaboração, mostrando que o mito pode ser reinterpretado e o seu significado constantemente reconstruído:

O gaúcho heróico do padrão romântico é muitas vezes generalizado como sendo a imagem da sociedade riograndense. Por sua mitificação é comum apresentá-lo como representante de determinados qualitativos, que podem ser traduzidos em valores de: bravura, honestidade, liberdade, justiça, força física, destreza, coragem, patriotismo, lealdade, ordem e moralidade (ALBECHE, 1996, p.9).

O gaúcho do Tradicionalismo faz um culto de si, transformado em um tipo ideal. Conforme analisou Albeche:

Talvez a aceitação dessa tradição legendária gaúcha repouse em grande parte nos elementos sociais que conservam a imagem positivista de uma tradição reordenada, confundindo como real a reinterpretação do núcleo simbólico da imagem do gaúcho (op. cit., p. 132).

O mito do herói é reconhecido como o mais difundido mundialmente, pois foi esse herói que o Tradicionalismo optou por cultivar.

O Tradicionalismo faz uma reinterpretação do gaúcho, mantendo seus “arquétipos” de herói, traduzidos nas qualidades do gaúcho que o MTG divulga: 1. Hospitalidade; 2. Coragem; 3. Nativismo; 4. Respeito à palavra empenhada; 5. Apego aos usos e costumes; 6.

Cavalheirismo. “Tudo isso pertence ao catecismo tradicionalista, ao seu código de honra” (MARIANTE, 1976, p. 14).

O gaúcho tradicionalista é uma caricatura do tipo lutador e campeiro, dotado de um elevado padrão moral, de onde foram extraídos os elementos que interessavam para fundar um Movimento que pretendia reestabelecer um código ético. Um tipo que pretensamente existiu em um “tempo melhor”, para dele resgatar sentimentos “saudáveis, laboriosos e patrióticos”. Esses qualitativos do gaúcho que fazem parte do discurso tradicionalista são constantemente reforçados e são evocados nas comemorações, nas cartilhas e na oralidade. Considerados como “autênticos” valores do Rio Grande do Sul, são formadores de uma “moral gaúcha” e de uma “alma dos pampas”, que transformam o Rio Grande do Sul em um lugar privilegiado e seus habitantes em homens excepcionais (DUTRA, 2002).

O VIII Congresso Tradicionalista, realizado em 1961 em Taquara, aprovou a “Carta de Princípios”, fixando os objetivos e os princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho. O documento, de autoria de Glaucus Saraiva, mantém-se em vigor e ressalta a ideia de retomada da “consciência moral do gaúcho”, a necessidade de barrar as ideias opostas aos “costumes naturais” do povo gaúcho e de zelar pela pureza dos “costumes autênticos do gaúcho”. A fim de fazer cumprir estes objetivos, o item VII da Carta de Princípios indica que é necessário:

VII. Fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.; criar em nossos núcleos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns (SARAIVA, 1999, p. 24-25).

Para Maria Eunice Maciel (1999), o gauchismo e o Tradicionalismo operam uma atualização do passado rural, agregando à figura do gaúcho uma noção de autenticidade, onde os seus participantes comportam-se e vestem-se como imaginam a existência do gaúcho na campanha. Desta forma, o Movimento alimenta a possibilidade de “viver o gaúcho”, ainda que este seja um “outro”. Este “outro”, é o gaúcho recriado e vivido nos CTG's.

O gaúcho vivido no Tradicionalismo é o campeiro, que usa botas e bombacha, que vive a nostalgia de uma vida ao ar livre e pura, de um tempo de fartura e confraternização no pampa com seus cavalos. O Movimento Tradicionalista propicia que cada um viva o gaúcho mesmo que, muitas vezes, nunca tenha tido ligação alguma com o campo.

O MTG mantém o modelo de gaúcho fixado, inclusive as contradições. O CTG, altamente disciplinado, é que dita as normas de comportamento aprovadas nos congressos do MTG e que passam a vigorar com força de lei, sendo muitas vezes confundidas com condutas

de origem remota. O uso das pilchas, as danças, a organização de eventos, como concursos artísticos e provas campeiras, o tipo de música e a literatura, tudo é supervisionado pelo MTG, que constitui o órgão disciplinador de todos os CTGs. Segundo a cartilha do tradicionalismo gaúcho, alguns imaginam viver uma verdadeira “seita crioula” (DUTRA, 2002).

1.4 DO ESQUECIMENTO DAS MULHERES À CONSTITUIÇÃO DA PRENDA

No início do Movimento Tradicionalista, a presença feminina não era algo pensado. Há algumas referências à presença de mulheres no Baile Gauchesco promovido pelo Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos em 20 de setembro de 1947. Dentre elas estava Maria Zulema Paixão Côrtes (que na época tinha 12 anos), irmã do estudante João Carlos Paixão Côrtes, o qual conta que o vestido usado pela irmã no baile foi criado por sua mãe, pois não se tinha conhecimento de como vestia-se a mulher campesina do passado. Esses vestidos foram descritos como simples e ingênuos, feitos de chita, compondo um conjunto com cabelos em tranças e laços de fita.

As reuniões que foram realizadas para pensar o início do Movimento, após as comemorações de 1947, eram exclusivamente masculinas. O “35” CTG foi criado como uma entidade só de homens. A ideia de tratar o CTG como uma estância e sua sede como o galpão refletia nos rumos do Movimento, especialmente no que se refere às mulheres, que não são, inicialmente, convidadas a participar.

Até que em março de 1949, alguns representantes de entidades tradicionalistas se reuniram em Montevideu para celebrar o “dia da tradição”. Como representantes do Rio Grande do Sul foram escolhidos para ir ao Uruguai alguns membros do Clube Farroupilha e do “35” CTG. Paixão Côrtes, Cyro Dutra Ferreira e Barbosa Lessa fizeram parte desta comitiva, que foi recepcionada pela *Sociedad Criolla*. Os registros deste evento marcam o momento em que os tradicionalistas do Rio Grande do Sul começaram a indagar-se a respeito da ausência de mulheres no grupo, pois no encontro de Montevideu constataram que a presença de mulheres nas demais sociedades era marcante e imprescindível.

Foi preciso que acontecesse a excursão a Montevideu (...) para que o exemplo trazido de lá (...) derrubasse, em importante momento, preconceitos que, embora de importância vital na formação e preservação da família gaúcha, em épocas passadas, vinham, de certa forma, prejudicando a terra vinda do “35” e de outros co-irmãos (FERREIRA, 1999, p. 89).

Assim, em junho de 1949 em Porto Alegre, aconteceu a primeira reunião com as moças. Dentre as convidadas estavam principalmente parentes dos rapazes da patronagem do “35”.

Nesta reunião, criou-se a primeira Invernada de Danças do Movimento Tradicionalista, uma Invernada das Prendas.

Estava assim a mulher devidamente integrada no Movimento. No entanto detinha-se, ainda, às tarefas mais condizentes com o sexo feminino, como danças, culinárias, costuras, decorações, etc. Porém, dentre de pouco buscava outras participações, mais avançadas para o encanto gracioso e frágil das prendas (...) (op. cit., p. 99).

Apesar de as mulheres passassem a ter espaço na estrutura do CTG que se formara, a entrada no Movimento Tradicionalista já se fez cercada pelos estereótipos do gênero feminino, com funções estipuladas e apropriadas às “características femininas” e com a ideia de que nos espaços masculinos, “a presença da mulher atrapalha”.

A partir daí o elemento feminino, passou a participar em todos os setores do "35" (mas como incomodavam) e do Movimento, com destacadíssimas folhas de serviços prestados, até como patroas de CTG's (op. cit., p.92).

A participação das mulheres nos CTGs já estava consolidada desde o primeiro contato, portanto exigia-se uma denominação para elas, uma forma de “batizar” as mulheres tradicionalistas. A busca de elementos do passado não daria bons resultados, pois na época das ocupações e delimitações territoriais, as mulheres dos gaúchos eram as “chinas” (mulheres brancas, negras ou índias), que na sua representação mítica, através de textos gaúchos, foram homogeneizadas como “índias roubadas e levadas à garupa de seus cavalos”.

O termo “china” manteve o sentido e se popularizou no estado como prostituta, portanto esta denominação não poderia ser adequada para designar as mulheres dos CTGs, entidades que nasciam sob inspiração de uma visão moral que visava resgatar nobres costumes de um tempo “áureo” e “puro”. Assim, os fundadores do Movimento Tradicionalista foram em busca de um termo que melhor representasse a companheira do herói romântico mitificado pela expressão “gaúcho”.

Acabaram escolhendo o termo “prenda”, para idealizar uma mulher pura, ingênua e graciosa. Prenda, segundo o dicionário, significa objeto de valor, que pode ser dado de presente a alguém. Além disso, segundo Maria Eunice Maciel, em “Tradição e Tradicionalismo no Rio Grande do Sul”, prenda foi uma das poucas referências encontradas como sinônimo de mulher, na canção folclórica “Prenda Minha”. Ainda, segundo a autora, “prenda”, como imperativo do verbo prender, associa-se a uma das imagens mais vinculadas do gaúcho – a do homem livre.

A imagem mais conhecida do gaúcho é aquela que o representa como um homem livre, galante e conquistador, percorrendo o pampa montado em seu cavalo. Se esse gaúcho não constituía laços familiares (impedido por muitas razões, entre as quais, o trabalho nas estâncias), chamar a mulher de Prenda parece significativo reforço desta imagem: o homem livre e a mulher que prende (MACIEL, 1999b, p. 141)

Chamadas de prendas, as mulheres passaram a frequentar os CTGs, geralmente as mães, esposas e filhas de homens tradicionalistas, e a elas coube ser a expressão feminina do Tradicionalismo. Segundo Dutra (2002), ao criar um nome, inventar uma dança, desenhar um vestido, também foi sendo acrescentado um conjunto de valores tidos como parte da “essência feminina”: delicadeza, beleza, simpatia e recato. Prenda passa a ser a expressão da “mulher honesta”, passa a representar a “mulher gaúcha”, oficializada como autêntica pelo Tradicionalismo.

A memória do guerreiro gaúcho se constrói entrelaçada com a ideia de uma mulher que espera. A figura masculina é, ao mesmo tempo, a afirmação da valentia do homem, enquanto a feminina evoca a sua fragilidade. Para o gaúcho forte e valente, havia a prenda bonita, recatada, doce e graciosa. O Tradicionalismo gaúcho criou a prenda inspirado no modelo feminino que foi assentado pela sociedade patriarcal e reforçado pela forte influência do positivismo no Rio Grande do Sul. Cabe aqui, e nos próximos capítulos, pesquisar e questionar como essa alegoria se dissipou pelo estado e além, por meio de escritos, imagens e, mais a fundo, pela música tradicionalista.

2 A PRENDA DO TRADICIONALISMO E A MULHER GAÚCHA NA HISTORIOGRAFIA

(...) esse cruzamento de açorianos, paulistas, espanhóis e indígenas, e esse contato dos dois povos, sul-rio-grandense e platino, deram à mulher sul-riograndense a beleza e graça da andaluza, a inteligência da francesa e um coração que encerra os grandes sentimentos da humanidade, a par da doçura e da digna submissão ao homem (JACQUES, 1997, p.47).

Criando um conjunto de expectativas em relação ao comportamento das mulheres, o CTG atribuiu um papel social para a prenda, sujeitando-a à estrutura geral do MTG que delimita seu espaço. Na figura da prenda, se vê uma imagem de submissão das mulheres ao seu papel de mãe, esposa, filha ou irmã. A produção de memória que cria a prenda tem sua construção efetivada através das imagens criadas pela indumentária, pelas danças, pelas poesias e pelas canções, compondo um modelo de mulher baseado na concepção positivista e na doutrina católica, para afirmar uma moral conservadora.

No segundo capítulo de meu trabalho, pretendo mostrar como o Positivismo de Auguste Comte influenciou a visão da sociedade Rio-Grandense sobre a mulher; como essa mulher gaúcha aparece nos relatos de viajantes e também trabalhar a questão da construção da figura da prenda, com seus vestidos, bons modos e a formação de sua identidade direcionada aos ditames do MTG.

2.1 OS TRAÇOS DO POSITIVISMO NO TRADICIONALISMO E NA DEMARCAÇÃO DO LUGAR DA MULHER (E DO HOMEM)

O Positivismo surgiu no século XIX, encabeçado por Auguste Comte, como uma formulação científica e modernizadora que continha um grande fundo moral e que compareceu fortemente na sociedade brasileira e no Rio Grande do Sul. No estado, o PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) seguia as doutrinas de Comte, influenciando grande parte da elite Rio-Grandense.

O ideal positivista de formar uma cultura intelectual e conservadora fez com que se construísse um vasto repertório de signos baseados em práticas preexistentes nas sociedades ocidentais, difundidas na cultura religiosa da Igreja Católica. A moral era o aspecto central desta cultura.

Comte decidiu que a mulher seria a guardiã da moral e dos bons costumes, excluindo sua participação no espaço público. Deveria ser a “rainha do lar e anjo tutelar”. Para os

positivistas, a função feminina consistia em “aperfeiçoar a natureza humana”. O lar era seu santuário e cultivar a moral era sua vocação. Percebe-se um caráter conservador no discurso que se refere à mulher, tida como responsável pela manutenção da moral e da realização do culto privado.

Para impor esses modelos femininos, era necessário que se interferisse diretamente na educação da mulher, guiando as relações e a estrutura familiar. Para Clarisse Ismério (2019, p.17), os positivistas sabiam que “a organização de uma sociedade e sua política só seriam alcançadas através da educação voluntária e planejada”. Assim, se passava de mãe para filha as prendas domésticas: serviços da casa, costura e bordado, fazer renda. Estas também eram tarefas aprendidas na escola, além de tocar instrumentos musicais.

Para Auguste Comte, a mulher ascendia moralmente sobre o homem, era “guardiã da moral” como mãe, esposa e filha, não estaria corrompida pelos vícios do mundo fora do lar. Ela faria do mundo doméstico e da família um santuário de preparação para o mundo social. Esta concepção está presente na obra de Cezimbra Jacques, patrono do Tradicionalismo, quando atribui à mulher sul-riograndense a plena garantia moral do lar doméstico, que segundo ele, esteve dignamente compenetrada nas nobres funções de esposa, mãe e irmã, contribuindo para a elevação física e moral do homem, e com isso conseguindo “retemperar” a raça que fez do sul-riograndense um “povo varonil”:

(...) em, regra geral, ela tem se tornado, felizmente, surda às doutrinas anárquicas que pretendem arredar as mulheres do digno papel de esposa, mãe e irmã ou, em uma palavra, de formar cidadãos e mantém-se firme no lar doméstico, para a felicidade da nossa terra, na posição de fiel sublime anjo da guarda do filho e de inspiradora do marido e do irmão (JACQUES, 1997, p.47).

O discurso usado pelos tradicionalistas mantém o imaginário positivista da existência de características “naturais” ao sexo feminino, como recato, delicadeza e submissão (prenda) em oposição às características masculinas, associadas à força e à liberdade (gaúcho). Dentro do CTG há a atribuição de um papel social para a prenda. O mesmo cria um conjunto de expectativas em relação ao comportamento das mulheres. Há também a sujeição à estrutura social do MTG, que delimita seu espaço submisso de mãe, esposa, ou filha:

Nos anos de 1949-1950 as mulheres entraram nos Centros de Tradições Gaúchas e passaram a constituir uma parte importante deste projeto que atribuiu às mulheres, à família e à educação papéis fundamentais dentro da doutrina tradicionalista que pretendia estabelecer-se como hegemônica, e por isso preconizava dar atenção especial às novas gerações. (DUTRA, 2002, p.55)

Como colocado anteriormente, a mulher entrou no CTG com um lugar demarcado para atuar: ela era o par do gaúcho na representação de suas danças, levando ao Movimento sua “graça e beleza”. Ela é o par romântico para o “herói dos pampas”. A pureza e a delicadeza são elementos tidos como naturais, vistos como inerentes à “mulher gaúcha”. O gaúcho, descrito como homem “forte e valente”, encontrava na prenda a sua companheira idealizada: uma mulher bonita, recatada, doce e graciosa.

Não se nasce peão ou prenda, mas se vai aprendendo a viver a “gauchidade” através de marcas que vão sendo lapidadas como inscrições que vão sendo impressas nos corpos. É assim, que as identidades vão ganhando forma. Por isso, para compreender os processos e as condições que tornaram possíveis e estabeleceram e diferenciaram homens de mulheres, importa entender que isto se fez e se faz através de processos de representações, como uma forma histórica de atribuição de sentidos.

A representação, nos diz Tomaz Tadeu da Silva (2001, p.35): “é um sistema de significação”. Na representação “está envolvida uma relação entre um significado (conceito, ideia) e um significante” (uma inscrição, uma marca material, em nosso caso, mais especificamente, letras musicais). Desta forma, “as coisas só entram num sistema de significação no momento em que lhes atribuímos um significado – nesse exato momento já não simplesmente coisas em si”.

A história tradicionalista contempla ilustrações a respeito da “origem” da “mulher gaúcha”. O discurso revela uma “sociedade gaúcha” que iniciou com os casais de açorianos, com os tropeiros e soldados que constituíram estâncias e formaram famílias. Esta família é entendida como o marco fundador de uma moral com profunda implicação social: a moral da estância que teria estabelecido uma relação harmoniosa entre as classes sociais, fazendo do galpão um “clube de homens livres convivendo democraticamente”, e da “mulher gaúcha” uma figura mais sociável em relação ao restante do país.

2.2 O OLHAR DOS VIAJANTES SOBRE AS MULHERES DO SUL

As mulheres brasileiras do século XIX eram vistas pelos viajantes como submissas, destinadas ao casamento, analfabetas, recebendo apenas noções de costura, bordado, culinária e outras “prendas domésticas”, como já pudemos observar. Em contraponto, as mulheres sul-rio-grandenses eram apresentadas como mais desenvoltas, “pois não se escondiam à presença de estranhos, com eles conversando com naturalidade sem a perda da sua dignidade nem o aviltamento de sua moral” (RETAMOZO, 1987, p.7).

Alguns viajantes como August de Saint-Hilaire, Nicolau Dreyes e Arsène Isabelle, se aventuraram pela região Sul e deixaram em seus relatos o que viram das mulheres do Sul. Como veremos, até mesmo estes relatos possuem divergências, coisa normal, mas que impossibilita formar uma ideia hegemônica da mulher riograndense, considerando as diversas divisões territoriais dentro do próprio estado.

Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, em “Aspectos da Sociabilidade Gaúcha”, desenvolvem a tese da existência de um acentuado espírito de “cordialidade e desembaraço” entre as mulheres como consequência direta de um elevado espírito de sensibilidade entre os homens do Rio Grande do Sul e do “elemento humano” formador das primeiras estâncias. Dessa forma, o modo de ser da “mulher gaúcha” é atribuído ao modo de vida nas estâncias do Sul, ao prazer e à alegria de lidar com o gado, ao menor número de escravos, à participação do patrão e dos seus filhos junto com os peões nos rodeios. Tudo isso configura um “ambiente moral” no campo diferente das senzalas. Este ambiente teria proporcionado à mulher rio-grandense participar dos rodeios (aplaudindo as proezas de seu pai, de seu irmão, de seu noivo) e teria possibilitado a muitas mulheres assumirem a chefia da estância (enquanto os maridos lutavam longe).

Esse discurso é considerado oficialmente “autorizado” pelos tradicionalistas a partir dos relatos dos viajantes, para referendar a representação a respeito da “sociabilidade gaúcha”. Seus autores citam Nicolau Dreys descrevendo a sua passagem no Rio Grande do Sul, em 1817, numa carreira de cavalo:

As senhoras assistem também esses divertimentos, como indispensável e mais apreciável ornamento da festa; elas se apresentam ou a cavalo ou em carrinhos; distribuem-se e vão assentar-se sobre um declive relevo de algum terreno elevado, d' onde podem presenciar tudo sem serem incomodadas, ao mesmo tempo que os escravos se ocupam mais longe em preparar uma cozinha campestre (apud LESSA; CÔRTEZ, 1985, p. 40).

Mas uma outra leitura que se pode fazer, no entanto, só reforça a ideia, hoje corrente aos estudos de gênero, que não existe uma única mulher a ser estudada, tanto no Rio Grande do Sul como em qualquer outra região e contexto, mas sim uma pluralidade de mulheres. O trecho acima citado, inclusive pode ser lido e interpretado como referência de que no Rio Grande do Sul muitas mulheres também encontravam-se confinadas ao papel submisso de “ornamento”, como as demais mulheres do restante do país. Uma grande diferença das demais, seria se a

mulher gaúcha participasse, por exemplo, de um torneio de tiro de laço²³, coisa que hoje é extremamente comum.

Já August de Saint Hilaire, botânico, nascido na França e que esteve no Brasil entre 1816 e 1822, deixou diversos relatos sobre nosso povo. Percorrendo o país, passou por Curitiba, além das províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em 1820. Discorreu sobre as mulheres que encontrou nesses locais, fazendo comparações com as mulheres mineiras que havia conhecido anteriormente.

Das mulheres do Rio Grande do Sul, observa que todas as que tinha visto “de Rio Grande a esta parte são bonitas, têm olhos e cabelos negros, cútis branca e têm sobre as francesas a vantagem de serem mais coradas”. Descreve ainda a existência de inúmeras mulheres comandando estâncias, trabalhando, provendo sozinhas a sobrevivência em vista da constante ausência dos maridos. O viajante conta que, enquanto nas regiões do interior não encontrou mulheres nas ruas, na cidade de Porto Alegre elas eram bastante frequentes:

Encontrei maneiras distintas em todas as pessoas da sociedade. As senhoras conversavam sem constrangimento com os homens, estes as cercavam de gentilezas, mas não demonstravam desvelo ou desejo de agradar, qualidade aliás, quase exclusiva dos franceses. Desde que estou no Brasil ainda não tinha visto uma reunião semelhante. No interior, como já o afirmei centena de vezes, as mulheres se escondem; não passam de primeiras escravas da casa, e os homens não têm a mínima idéia dos prazeres que podem usufruir com decência. Entre as senhoras que vi, hoje em casa de Sr. Patrício, havia algumas bonitas; na maior parte eram muito brancas, de cabelos castanhos escuros e olhos negros; algumas graciosas, mas sem aquela vivacidade que caracteriza as francesas (SAINT-HILARE, 1997, p.40).

Outros trechos, de Arsène Isabelle, por exemplo, enfocam a falta de liberdade das mulheres no Rio Grande do Sul e apresentam uma realidade de ignorância, sofrimento, aborrecimento e severidade dos maridos “tiranos” com relação às suas mulheres no “santuário” doméstico. Além disso, Isabelle também descreve as mulheres de Porto Alegre como sobrecarregadas na maneira de vestir e sem a graciosidade e ingenuidade conclamadas.

Aborrece-me repetir mas é uma verdade que não posso silenciar, as brasileiras desta Província, não são nem belas nem graciosas; em vão exageram e sobrecarregam-se de jóias, broches, flores e ninharias: tudo isso não anima sua tez, nem dá expressão a seus olhos, nem, enfim, esse ar de liberdade nos movimentos que, primeiro de tudo, seduz nas Porteñas. Procura-se em vão ler em sua fisionomia o estado de alma; ela não indica nada, nem mesmo

23 Modalidade praticada nos rodeios que consiste em uma pessoa a pé ou montada no cavalo tentando laçar um boi.

ingenuidade; têm, em público, um rosto de autômatas e nada mais; eis o que fizeram os portugueses! (ISABELLE, 1983, p.63).

Nota-se que não é possível buscar uma homogeneização e imaginar que todas as mulheres fossem cordiais e delicadas. Estas passagens não autorizam, diretamente, o uso de um consenso sobre uma única mulher gaúcha, mas de homens e mulheres que viviam de maneiras distintas. Como coloca Maria Joana Pedro,

[...] não significa traçar um perfil único que as identifique e as diferencie das outras mulheres do restante do país. No Sul, encontramos diferentes perfis femininos nos diversos períodos históricos: mulheres oriundas de etnias e classes sociais várias (PEDRO, 2013, p.278).

Coube ao Movimento Tradicionalista escolher a que mais lhes seria oportuna para cultivar enquanto a “verdadeira mulher gaúcha”. Pois é dentro do tradicionalismo que também se ensina a “ser homem” e a “ser mulher”. Os textos que atravessam e instituem a cultura gaúcha conformaram representações de masculino e de feminino padronizadas, reguladas, normalizadas social e culturalmente.

2.3 O VESTIDO COMO PONTO CENTRAL NO IMAGINÁRIO DA FIGURA DA PRENDA

Como para todos os outros símbolos do Tradicionalismo, para a prenda, também houve uma construção de memória que criou sua figura em contrapartida à mulher gaúcha da historiografia. Esta construção foi efetivada por meio das imagens criadas pela indumentária, pelas danças, pelas poesias e, claro, pelas canções, criando um modelo de mulher baseado na concepção positivista e na doutrina católica, para afirmar e reafirmar uma moral conservadora. Esses mecanismos surgiram para que a prenda passasse a fazer parte da memória tradicionalista, sendo inserida na história gaúcha.

Com referência às "prendas" tivemos que improvisar algum figurino que nos parecesse lógico, enquanto tomávamos consciência de um novo item a acrescentar aos próximos formulários de pesquisa-de-campo: a indumentária gauchesca nas festas do passado. (...) No fim as prendas entraram em cena, com seus vistosos vestidos floreados (LESSA; CÔRTEZ, 1975, p. 110-111).

Sendo a prenda uma invenção, precisaram ser elaborados elementos para compor sua figura. O vestido é uma peça fundamental desta simbologia que envolve a “invenção das tradições”: o vestido deve enfeitar a mulher, valorizar seus movimentos nas danças e, especialmente, traduzir a ideia de mulher romântica, naturalmente delicada, dócil e dependente

do homem forte e independente. A prenda viria ornada de uma vestimenta específica, representativa daquilo que os tradicionalistas imaginavam que fosse a forma de vestir da “mulher gaúcha” no passado, a qual o Movimento queria perpetuar através de suas práticas.

Os registros históricos reservam pouco espaço às mulheres e quando o fazem, é sempre obedecendo aos critérios de ordem e de papel. Michele Perrot, observa que a cidade no século XIX é um espaço sexuado e que as mulheres são focalizadas pelos cronistas através das roupas que usam:

Nela as mulheres se inserem como ornamento, estritamente disciplinadas pela moda, que codifica suas aparências, roupas e atitudes, principalmente no caso das mulheres burguesas cujo lazer ostentatório tem como função mostrar a fortuna e a condição do marido. Atrizes no verdadeiro sentido do termo, elas desfilam nos salões, no teatro ou no passeio público e é a forma como se vestem que interessa os cronistas (PERROT, 1989, p. 10).

Os estudos tradicionalistas apresentam um histórico do vestido da “mulher gaúcha”, assim definido: até 1750, o “tipoy” (longo, de algodão cru, de dois panos, com abertura para os braços e pescoço, amarrado à cintura com um cordão); após o “chiripá” como saia; de 1820 a 1870 o vestido da moda europeia (de seda ou veludo, botinhas, travessa no cabelo, leque, meias e chale); a mulher campesina usava saia e casaquinho, meias e sapatos fechados, cabelos soltos ou trançados; a partir de 1870 vestiu-se de forma variada; e com o surgimento do Movimento Tradicionalista adotou o vestido de prenda (ressurgimento dos modelos antigos).



Figura 1: Estancieira Gaúcha



Figura 2: China das Vacarias



Figura 3: Mulher Gaúcha



Figura 4: Prenda Tradicionalista

Fonte das figuras: Livro “A Indumentária Gaúcha”, de Antonio Augusto Fagundes, p. 38, 40, 42 e 44)

Este vestido de prenda é apresentado como a síntese da "sobriedade e beleza da mulher gaúcha", conforme o “ABC do Tradicionalismo Gaúcho”.

De chita, o vestido de prenda conserva a simplicidade da mulher gaúcha, sem afetar a beleza de um ser de padrões morais superiores. Vestida de chita, sapato simples e uma flor no cabelo, a prenda gaúcha é o mais original quadro de beleza, pintado pela natureza (LAMBERTY, 1989, p. 101-102).

No ano de 1947, a mãe de Paixão Cortês confeccionou o primeiro vestido de prenda para sua filha participar do Baile Gaúcho. A partir de algumas passagens e relatos a respeito da vestimenta feminina, de alguns vestígios do passado e também da criatividade da mãe de Paixão Cortês, foi elaborada uma versão do vestido pelo “35” em 1949, apresentada publicamente e regulamentada como a Indumentária Oficial da Prenda, em tese apresentada por Luiz Celso Yarup no 34º Congresso Tradicionalista Gaúcho (1989). Foi oficializado como “Pilcha Gaúcha” para representar a visão atual da mulher regional. Sua regulamentação se deu com a Lei nº 8.813 de 10 de janeiro de 1989, que oficializa-o como traje de honra preferencial no Rio Grande do Sul.

(...) o `vestido de prenda', criado nos primórdios do Movimento Tradicionalista, dentro dos pressupostos da indumentária mais simples do Rio Grande, procurou conservar a padronagem e a sobriedade do vestido padrão da mulher gaúcha, seguindo, também, alguns aspectos da moda vigente. Em todas

as épocas e locais a mulher evidenciou a preocupação de estar bem vestida, bela e admirada, buscando os artifícios da moda e evocando sempre a funcionalidade, a adequação aos momentos do uso, originalidade e beleza (COLETÂNEA DA LEGISLAÇÃO TRADICIONALISTA, 1999, p.218).

O vestido de prenda difundiu-se a partir de um conjunto de rituais, das danças apresentadas, dos bailes e saraus, dos desfiles e de outras cerimônias cívicas e comemorações. O vestido de prenda foi oficializado como indumentária gaúcha, passou a fazer parte da “tradição”, tornou-se a pilcha feminina que figura ao lado do gaúcho com sua indumentária composta pela bombacha²⁴ e acessórios. Tornou-se um dos componentes mais importantes na divulgação do Movimento Tradicionalista, pois, apesar de revestir-se de um caráter de antiguidade, o vestido era uma inovação. O MTG, também passou a instituir normas e estabelecer “laços com o passado” a fim de dar maior autenticidade a sua criação.

Seu uso se popularizou, tornando-se parte do imaginário tradicionalista e do sonho de jovens e crianças que imaginavam viver a personagem da prenda, a “mulher gaúcha” criada pelo tradicionalismo, vista como um símbolo de beleza nas danças e desfiles. Percebe-se a importância que os tradicionalistas davam para as crianças e a essa “vontade” de participar do Movimento que elas deveriam desenvolver, como coloca Saraiva (1968) ao comentar sobre o “Concurso de Primeira Prenda”: “as nossas prendinhas de agora são as futuras mães gaúchas – nosso culto e veneração – e devemos prepará-las para transmitir aos filhos que hão de vir, toda a força do nosso telurismo e toda a glória das nossas tradições” (p.65).

É possível identificar alguns símbolos que constituem esta representação da prenda como princesa: seu vestido de dama, a flor no cabelo, os seus gestos delicados na dança; todos eles formando um conjunto romântico que reforçam a imagem da mulher submissa, dependente e ingênua, compondo uma “identidade feminina”. A razão não consegue explicar como a figura da prenda pôde atrair jovens que vivem num contexto tão diferenciado. É aí que percebe-se a força do mito na mentalidade do povo, na busca de uma identidade coletiva.

O MTG, enquanto órgão coordenador das atividades tradicionalistas no Rio Grande do Sul, disciplinou o uso “adequado” das pilchas: estabeleceu o comprimento, estampas, textura e cores, estilos das mangas, enfeites como babados, rendas e fitas, o tipo e as cores das meias e sapatos, o estilo do penteado, da saia de armação e bombachinha²⁵. Além disso, limitou o uso do decote, de acessórios e de maquiagens, estabeleceu o que é permitido e proibido na

24 Bombacha: calças largas presas por botões acima do tornozelo; peça fundamental da pilcha masculina.

25 Bombachinha: é uma peça da indumentária da prenda, usada sob o vestido, devendo ser confeccionada, segundo as normas tradicionalistas, com tecido leve, em cor branca e com rendinha na ponta.

confeção do vestido de prenda dentro de um padrão. Manuais a respeito da indumentária feminina repetem as expressões “sem exageros”, “discretos”. “Atendendo à idade e a ocasião de seu uso”.

Em *Práticas da Memória Feminina*, Perrot afirma que o vestuário está ligado a aparência (que cabe às mulheres preservar), e que a moda é uma tirania exercida sobre o corpo das mulheres, porém este dever (que pode gerar prazer ou profundo tédio) educa a memória: “Uma mulher inscreve as circunstâncias de sua vida nos vestidos que ela usa (...)” (1989, p. 14).

Segundo Dutra (2010), o vestido de prenda carrega uma imensa simbologia da imagem da mulher idealizada pelo Movimento (e também por Comte): uma mulher que traduz na sua “essência” um conjunto de “valores femininos”, como a sensibilidade, a cordialidade e a beleza. A prenda é a personificação da mulher “enfeite”, submissa, porém portadora de um grande “destino” social, o de “guardiã da moral, dos bons costumes e do zelo cívico”, tão importante para a formação dos “verdadeiros tradicionalistas” personificados através dos CTGs.

Há uma rigidez da indumentária gaúcha instituída pelo MTG, a qual também serve para estabelecer uma concepção bastante conservadora de sociedade, que visa instituir e padronizar comportamentos sociais, e para isso busca estabelecer algumas referências históricas. As minuciosas diretrizes da “Indumentária da Prenda Atual” publicadas e divulgadas pelo MTG, servem até hoje como base para manuais atualizados sobre a indumentária gaúcha e são ilustrativas da forma como a vestimenta torna-se fundamental na produção da prenda enquanto símbolo da memória tradicionalista:

1. O TRAJE: vestido, saia e casaquinho, de uma ou duas peças, com a barra da saia no meio do pé, podendo ser godê, meio godê, em panos, em babados ou evasês, com cortes na cintura, caderão ou corte princesa, atentando para a idade e estrutura física
2. MANGAS: longas, três quartos ou até o cotovelo; podendo ser lisas ou levemente franzidas (não bufantes), com aplicações de fitas, bordados, babadinhos ou similares, sem exagero, no máximo duas aplicações.
3. DECOTE: geralmente sem decote. Admite-se, no máximo, um leve decote, com ou sem gola, sem expor os ombros e o seio, sem contrastar com o recato da mulher gaúcha.
4. GOLAS; se usadas, podem ser arredondadas, sobrepostas, tipo plaetó, padre, com ou sem detalhes, sem exagero.
5. ENFEITES: podem ser rendas, apliques, bordados, passa-fitas, gregas, fitilhos, fitas, viés, babadinhos lisos ou estampados miúdos, plissês, crochês, botõezinhos forrados, nervuras ou favos. Não sobrecarregar a fim de evitar a desfiguração dos modelos. A decoração com tecidos aplicados ou trabalhados com fitas que formam pontas de lanças e ondas devem ser evitados, optando-se pelos motivos florais, os quais compõem a tradição gaúcha.

6. TECIDOS: podem ser lisos, estampados miúdos, xadrez miúdo, petiotpois, riscado discreto, de acordo com as estações climáticas. Não são permitidos apenas os tecidos transparentes sem forro, slinck e similares, tecidos brilhosos (lamê, lurex e outros para uso à noite em festas não-tradicionais) e tecidos em cores contrastantes, chocantes ou fosforescentes.

7. SAIA DE ARMAÇÃO: deve ser discreta e leve, na cor branca. Se tiver babados, estes devem concentrar-se no rodado da saia, diferentemente da indumentária típica baiana.

8. CORES: de acordo com a sincronia das cores e a relação com a idade e o momento do uso. Evitar cores contrastantes, chocantes e fosforescentes, assim como o preto (luto); a cor branca fica convencionada para uso das noivas e debutantes. Não usar combinações com as cores da bandeira do Rio Grande do Sul.

9. BOMBACHINHA: branca de tecido leve ou rendada, deve cobrir os joelhos.

10. MEIAS: devem ser longas, brancas ou beges, para moças e senhoras. As mais maduras podem usar meias de tonalidades escuras.

11. SAPATOS: pretos, brancos ou beges, poder ter salto 5 ou meio salto com tira sobre o peito do pé, que abotoe do lado de fora.

12. CABELOS: devem estar semi-presos, presos ou em tranças, enfeitados com flores discretas que podem ser naturais ou artificiais, sem brilhos ou purpurinas, combinando com o vestido. As senhoras mais jovens, eventualmente, podem usar travessas simples ou com flores discretas e passadores nos cabelos que poderão estar semi-presos em coques ou penteados curtos. Fica facultado o uso de enfeites nos cabelos das senhoras em respeito à idade ou ao gosto pessoal.

13. MAQUIAGENS: discreta e de acordo com a idade e o momento social.

14. ACESSÓRIOS PERMITIDOS:

a) fichu de seda com franjas ou de crochê, preso com broche ou camafeu.

b) chulé (especialmente para as senhoras)

c) Brincos (jóias ou semi jóias) discretos.

d) Um ou dois anéis (jóia ou semijóia)

e) camafeu ou crochê.

t) capa de lã ou seda.

g) Leque (senhoras ou senhoritas) em momentos não coreográficos.

h) Faixa de prenda ou crachá.

i) chapéu (feminino) em ambientes abertos.

15. ACESSÓRIOS NÃO PERMITIDOS:

a) Brincos de plástico ou similares coloridos.

b) Relógio e pulseiras.

c) Luvas ou meia-luva de renda, crochê ou tecido (ressalva-se no uso do traje histórico urbano).

d) Colares.

e) Sombras e batons coloridos em excesso, uso de cílios postiços, unhas pintadas em cores não convencionais (verde, azul, amarelo, prata, preto, roxo, etc.)

f) Sapatilhas do tipo ballet, amarradas na perna.

g) Saias de armação com estruturas rígidas em arame, barbatanas e telas de nylon.

(COLETÂNEA DA LEGISLAÇÃO TRADICIONALISTA, 1999, p. 219-220-221)

As manifestações tradicionalistas apresentam a ética como “ciência moral”, caracterizada por atitudes e sentimentos de sinceridade, reverência, brio, decência, dignidade, decoro, pudor e respeito (DUTRA, 2002). A construção de gênero que atravessa essa linguagem faz parte do discurso moral que estabelece o que é permitido e o que não é permitido como comportamento das mulheres no CTG.

Esse é o aspecto (ético) da filosofia não escrita do tradicionalismo, que diz sobre o permitido e o proibido dentro das entidades tradicionalistas, mas informalmente. Porque não se realizam bailes de carnaval dentro de um CTG? Porque o Papai Noel não entra em CTG? Porque não existe homossexual no tradicionalismo? Porque não existe droga? Perguntas frequentes mas, nada disso é proibido pelos estatutos e regimentos internos e, no entanto, a ética do tradicionalismo disciplina esses assuntos sem o uso das sanções, apenas por sua força intrínseca, forte como tudo o que a gente leva naturalmente dentro de si. (FAGUNDES, 1997, p.43).

Estes discursos não ditam somente a construção do que deveria ser a mulher, mas também do que deveria ser o homem e como deveria ser a sociedade. Estabelecendo diretrizes de vestimenta, comportamentos e lugares, cristaliza o lugar que cada integrante deve ocupar para ser um(a) tradicionalista.

3 A MÚSICA GAUCHESCA E A QUESTÃO FEMININA

Não retratem, por respeito, minha prenda em belos panos floreados com fitas e flores no cabelo em tranças, dançando valsas e chamamés dolentes, em romancescos fandangos de campanha. Porque não a campesina? Audaz parceira, de estrada e sonho, mãe, amante, esposa, amiga (MENEZES, 2000, p. 54).

Ao longo dos anos, a produção musical tornou-se uma importante ferramenta de disseminação da cultura tradicionalista para além das fronteiras do Rio Grande do Sul. O cancionário gaúcho contribuiu, desde muito antes da criação dos CTGs até os dias atuais, para manter viva a tradição herdada há séculos, mantendo de forma velada o machismo em grande parte de suas letras.

As poesias e canções gaúchas têm abordado a prenda, dentro da chamada temática romântica, vertente muito característica que pinta a mulher gaúcha como frágil, indefesa, que chora a partida do gaúcho valente e provedor, mas que na sua ausência enfrenta o desafio da sobrevivência e do trabalho, na defesa da estância e da família, porém sempre mirando o horizonte na espera de seu amado, bem como a mulher submissa que “gosta de apanhar” e se apaixona por cada atitude bruta que seu companheiro apresenta.

Cabe, neste capítulo, analisar a produção cultural na música regionalista gaúcha, a fim de compreender como esta influencia diretamente na cristalização do discurso de que a “mulher ideal”, cultuada pelo tradicionalismo na figura da prenda, é submissa, um ornamento que não responde aos seus desejos, mas sim aos desejos do homem bruto que a guarda e defende.

3.1 A MÚSICA E AS REPRESENTAÇÕES

A identidade gaúcha é representada na figura masculina, o homem pilchado e seus acessórios: seu cavalo, o chimarrão, a música, o churrasco e a prenda, sendo esta última, citada como objeto passivo e secundário em um reduto masculino. Forja-se a figura do peão e da prenda, os costumes, e se fundam tradições a partir de situações históricas, principalmente das revoluções. A preocupação com a continuidade do culto a essas tradições faz com que se construam novos gaúchos e prendas desde a infância, aprendendo a “ser” gaúcho por meio das danças nativistas, com o ingresso nos CTGs, que se façam novas músicas e que as antigas

continuem sendo ouvidas, que os trajes sejam mantidos e que o gosto pela tradição continue passando de pai para filho, solidificando um passado e a memória que o MTG escolheu para cultivar.

O indivíduo nasce dentro de uma determinada cultura e desenvolve-se tendendo a aprender e reproduzir o que vivenciou. Nesses termos, a identidade e a personalidade individual são determinadas por diversos fatores. Dentre eles, a experiência vivida e a herança cultural fazem-se extremamente relevantes, sendo a música uma reprodução de vivências e elemento de herança cultural. Aqui no estado, a música gauchesca é o que consagra o gaúcho a partir do novo milênio (GOLIN, 2004, p.77), trazendo um gênero musical brasileiro característico dos estados do Sul. O discurso das canções, sendo determinado histórica e socialmente, usa da linguagem como mediação entre indivíduo e objeto e, simultaneamente, pode motivar divergências ideológicas. A maioria das composições musicais revelam uma herança social indicadora do papel social do homem que se sobrepõe ao da mulher.

Dentre as vertentes musicais presentes no Rio Grande Sul, vamos levar em conta três delas: a música nativista, que surgiu em uma tentativa de renovar as canções nos festivais de música gaúcha; a música tradicionalista, que está sujeita às normas propostas pelo MTG, sendo produzida dentro dos modelos predeterminados pelo próprio movimento, que, como já visto, estabelece o que é adequado ao se tratar da cultura gaúcha; e o *tchê music*, proveniente da mistura de ritmos musicais utilizados no Rio Grande do Sul com outros ritmos de origem nordestina. As bandas que são classificadas assim eram, originalmente, pertencentes ao segmento tradicionalista (ALBERTI, 2008). Em todas essas vertentes, o Rio Grande do Sul é representado pelas mesmas questões: a cultura, o amor pelo estado, pelo campo e pelos pagos, pelo gado e pelo cavalo, pela vida campeira e pela mulher.

Há uma animalidade presente em certas canções que insere o homem como um ser primitivo, que na relação homem-mulher assume um perfil de macho-alfa, submetendo a mulher a todos os tipos de desmandos e crueldades. É nesse contexto que a música, elemento cultural de identificação de um povo, faz com que a perpetuação de uma cultura patriarcal, estabelecida há muito tempo, dominadora e machista, seja ampliada e propagada para as presentes e futuras gerações. Assim, faz-se necessária uma análise de letras musicais do cancionário gaúcho nas quais se tem consciência da submissão forçada da mulher em uma sociedade majoritariamente misógina.

3.2 UMA ANÁLISE DA PRESENÇA FEMININA NAS LETRAS DAS MÚSICAS

Minha leitura das músicas não busca fatos experimentais da mulher gaúcha, mas a constituição de uma memória que, através dos versos, criou um passado coletivo e colabora na reconstrução do passado, selecionando e ressignificando os acontecimentos e modos (de se portar, vestir-se e agir). Colocando, dessa forma, a mulher não como ela realmente era, mas como o tradicionalismo gostaria que ela fosse, cultuando esse imaginário da mulher ideal que aparece nas canções até nos dias atuais.

Nas canções há um leque de representações das mulheres na sociedade. Cada uma dessas representações idealiza como a mulher gaúcha era ou deveria ser, desde a figura da prenda como ornamento que dança rodando a saia e encanta com sua doçura, até a mulher campesina, valente e guerreira, que enfrenta perigos. Também existe a representação mais frequente, na qual a mulher é submetida às violências de seu bruto companheiro.

Em muitas composições, a mulher é colocada como um objeto a ser apreciado ou usado, que, em termos, é a definição básica da palavra prenda. Um exemplo que pode ser usado aqui é um trecho da canção de João Luiz Correa e Grupo Campeirismo “Cantando pra Lua”, que diz: “Coração na noite serena, te vê na estrela mais linda”. Como se trata de uma letra bonita, que evidencia a beleza da mulher gaúcha a comparando a uma estrela, não percebemos que a comparação com objetos também pode ser uma ofensa, colocando as mulheres como coisas a serem admiradas e contempladas, formando um padrão da beleza no qual este é o único atributo de interesse na prenda (FERREIRA, 2014).

Falando-se de violência, na composição gauchesca intitulada “Ajoelha e Chora”, de composição de Luiz Cláudio, Marquinhos Ulian e Sandro Coelho, e interpretada pelo grupo Tchê Garotos e Grupo Tradição, fica explícita a dominação masculina e a submissão da mulher. No segundo trecho da música, evidencia-se: “Endureci, resolvi bancar o machão / Daí ficou bem bom / E agora é do meu jeito / De hoje em diante / Sempre que eu te chamar / Acho bom tu ajoelhar / E me tratar com respeito”. No trecho seguinte, verifica-se: “Ajoelha e chora / Ajoelha e chora / Quanto mais eu passo laço / Muito mais ela me adora.” (CLAUDIO; ULIAN; COELHO, 2003).

Nota-se que a mulher é retratada como alguém que gosta de sofrer, apanhar e chorar, que se submete aos desmandos do homem gaúcho por puro deleite, colocando-a em uma posição de humilhação e até mesmo ignorância por não entender a violência contida no ato de apanhar. Por seu “ritmo contagiante”, a música fez muito sucesso em várias rádios do país,

ficando famosa e tendo seu refrão cantado por muitas pessoas. Apenas há pouco tempo, com os poucos trabalhos sobre o machismo na cultura gaúcha é que esta música foi ouvida e estudada sob um novo viés que evidencia a violência contra a mulher nela contida.

Um ponto que se destaca no cancionero gaúcho é o fato de mulheres e animais serem contemplados com a mesma consideração em diversas composições. Um famoso exemplo é *Morocho*²⁶ de Mauro Ferreira e Roberto Ferreira, canção interpretada por Davi Menezes e Os Incompreendidos, vencedora da edição de 1984 da *Coxilha Nativista*²⁷, que causou revolta por parte do público que a escutou na oportunidade. As reações de desgosto com a canção foram consideradas falta de compreensão com a “brincadeira” proposta pela música. A referida composição, bastante polêmica, embora rechaçada por muitos, é vencedora de cinco troféus em concursos cancioneros.

Na letra: “Tu te aprochegas, reboleando os quarto; [...] Aprendi a domar amanunciando égua / E para as mulher²⁸ vale as mesmas regras / Animal, te para, sou lá do rincão / Mulher pra mim é como redomão / Maneador nas patas e pelego na cara”. Fica explícita a dupla violência em que a mulher é submetida: a simbólica, pela comparação da mulher com uma égua; e a física, já que muitas vezes, para domar um cavalo, se usa do relho²⁹. O mesmo, assim, seria usado para “domar” a mulher.

Os defensores dessas canções se utilizam sempre da justificativa de que comparar a mulher a uma égua, por exemplo, é somente uma expressão campeira que deve ser levada por brincadeira. Apesar de tratar da realidade do campo, não se pode deixar de refletir sobre a posição de submissão em que as mulheres são colocadas através da comparação com animais. Nesta, reforça-se a ideia de que são passíveis de serem dominadas, refletindo a violência simbólica a que são submetidas. Comparando a mulher a uma égua, a música claramente a atrela ao uso e à violência do homem.

Em uma das composições do MTG que é usada para coreografias de entrada ou saída de mostras e competições de danças, se percebe um outro tipo de mulher: a que luta na defesa

26 *Morocho* é um substantivo feminino que, de acordo com o regionalismo gaúcho, significa: rapariga morena.

27 A *Coxilha Nativista* de Cruz Alta é um festival de música gaúcha que surgiu em 1981.

28 As letras foram transcritas como se encontram no Livro de Poemas do festival, respeitando a ortografia e/ou eventuais erros.

29 Açoite feito de couro torcido (pode ter o cabo de maneira) usado para tocar animais.

da estância e da família quando o homem, provedor, está fora, envolvido na guerra. A letra fala sobre o papel da mulher na época da Revolução Farroupilha:

(...) anos de espera meus sonhos em vão / Mas sou gaúcha guerreira para lutar com amor / chinocas sejamos nós os caudilhos a lutar por esta terra / façamos a nova guerra na pampa que virou pó / peguem ... adagas e defendam nossos senhores e mostrem aos saqueadores que guerreiras somos nós / somos guerreiras gaúchas farrapas da pampa marcada / não é o fim / se está no sangue gaúcho lutar este sangue também corre em mim / no futuro vai saber que lutar não é em vão / que uma mulher gaúcha venceu com a força do coração / mulher gaúcha é pura paixão / mulher gaúcha defende esse chão³⁰.

Esta composição traz à tona parte da história do Rio Grande do Sul, mostrando que a mulher participou de forma ativa nos conflitos armados, auxiliando o companheiro que precisou guerrilhar e o quão importante a mulher foi na história da Revolução Farroupilha, ainda que sobre esse período pouco se recorde de sua participação. Aqui, é colocado que desde sempre a mulher foi forte, empoderada e capaz de estar em condições de igualdade ao homem. Também mostra o amor que a mulher nutre pelo seu chão, convocando outras para defender a pampa já que nas suas veias também corre o sangue gaúcho da bravura, pensando que seus feitos serão lembrados no futuro. Mas no início há uma manifestação de tristeza, uma possível saudade dos homens que estão na guerra.

Para além disso, de uma forma mais crítica, podemos pensar nesta representação também como um espelho da construção da própria figura do gaúcho, considerando que este é tido pelo MTG como um herói regional, que possuía muitos valores como honestidade, bravura, nativismo, força, entre outros. Transformando assim, a prenda em um “gaúcho de saias”.

Apesar de existirem canções como esta, que retratam a mulher como guerreira, valente e capaz, as músicas mais populares geralmente são as que tratam a mulher com violência, grosseria e humilhação, tornando-a um objeto de propriedade exclusiva de seu companheiro. E não é impressionante o fato de que a população, inclusive mulheres, aderem e aplaudem esse tipo de produção artística, considerando a naturalização dessas letras e o pouco e recente debate em torno delas.

30 Como se trata de uma música exclusivamente para invernadas, não existe uma transcrição exata da mesma, sendo esta uma transcrição feita por mim com um áudio da música. Por este motivo há trechos e palavras que não consegui identificar.

As produções artísticas do cancioneiro gaúcho que seguem um modelo estigmatizado que inferioriza e desvaloriza a mulher ainda são presentes na cultura tradicionalista e a maioria das pessoas que ainda defende essas composições evocam o humor como justificativa para tais letras. Devemos voltar nossos ouvidos para composições femininas, que falem sobre a força da mulher ou que apenas não tratem as mulheres como bichos ou objetos, já que as mesmas desenvolveram, ao longo dos anos, importante papel para a construção histórica e adquiriram, através de diversas lutas, muitos direitos previstos em lei.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O MTG, em seus primórdios, criou a figura da prenda para suprir um lugar vago de companheira e dependente do gaúcho homem. Para isso, também se criaram adereços para essa figura: vestimentas, modos e atribuições. Ao longo de toda sua formação foi assim: as mulheres participavam exclusivamente das invernadas e Concursos de 1ª Prenda. Hoje, podemos analisar um leque mais amplo: elas competem em rodeios e já são Patroas e outros cargos da direção de CTGs. Nisso pode se dizer que há um avanço.

Este trabalho pretendia, inicialmente, mostrar que a música seria um dispositivo para realçar que a visão do CTG da mulher ideal, seria a correta. E realmente ela é, colocando a mulher, quase sempre no espaço doméstico, que é submissa ao seu marido e às tradições, também somente como um regalo para os olhos, não esperando que a mulher tenha outros atributos além da beleza para encantar o gaúcho.

Mas além disso, vemos e tomamos consciência de uma música que rebaixa e violenta a mulher de forma a compará-la com um bicho, incentivando assim a violência, posto que algumas letras dizem que a mulher “gosta de apanhar”. A interpretação musical é umas das formas de perpetuar a cultura de submissão feminina, tornando tolerável que o homem, macho-alfa da relação, utilize a violência para corrigir comportamentos contrários ao que se espera de uma mulher. Infelizmente a sociedade, neste caso a gaúcha, naturalizou esse tipo de composição, cantando e repercutindo esse discurso, sem perceber a problemática contida nele. É recente, o movimento de questionar essas letras e o machismo presente nelas.

Dou uma atenção especial às composições que colocam a mulher como a guerreira que lutou para defender a vida e a estância. Penso que são essas canções que deveriam ter destaque quando se fala da mulher gaúcha. Foram gerações que lutaram e sobreviveram, e sozinhas mantiveram a casa, o gado e a lavoura. A mulher não pode ser vista somente com o atributo da beleza ou como submissa, as mulheres foram e são fortes e de grande importância na constituição da sociedade.

Cabe a todos olhar com mais cuidado para as composições, fazendo com que se desconstrua o machismo presente nas letras. Devemos ouvir as mulheres quando uma letra as toca de modo ofensivo, quando uma música incomoda ou fala de mulheres de forma pejorativa. Claro, que esse desconforto é um movimento muito raro, levando em conta o tratamento normal de certas músicas pelo MTG e a dificuldade que temos de falar sobre o machismo no meio tradicionalista, ainda hoje muito fechado para receber críticas, sejam elas construtivas ou não.

Não cabe a mim enquanto mulher, em nenhum momento deste trabalho, julgar outras mulheres por gostarem e estarem no meio do universo tradicionalista, porque eu mesma o faço. Meu objetivo com esta pesquisa era evidenciar o machismo velado que existe até hoje nas músicas e no próprio movimento, ditando por meio de letras e regras o lugar que a mulher deveria ocupar nos ambientes regidos pelo MTG. Uma mulher não se torna menos revolucionária se participa das invernadas, de rodeios e outros espaços como estes, se compreende e coloca em pauta que seu lugar tem importância e que a prenda de hoje tem voz, vez e lugar (que ela quiser).

Não penso no fim do MTG, mas proponho uma mudança vinda de dentro, por meio das próprias mulheres. Hoje, há muitas mulheres ocupando cargos de relevância. Trago como exemplo a própria atual Presidenta do MTG, a Sra. Gilda Geleazzi (primeira mulher a presidir o Movimento), entre tantas outras que fazem parte da patronagem de CTGs pelo Brasil afora. Precisamos de mulheres ocupando estes lugares e precisamos que elas tenham a consciência de que o movimento precisa de uma “chacoalhada”. O MTG não vai se tornar menos machista se as mulheres desistirem dele, mas pode haver mudanças se as próprias mulheres ressignificarem seus espaços e sua história dentro do movimento, construindo novas tradições e novos lugares, criando uma nova existência que não a oprima ou a subjogue. Só porque a figura da prenda foi criada para ser submissa não significa que tenha que ser sempre assim. Já que a prenda foi uma construção, por que não reconstruí-la como uma figura mais fortalecida e empoderada que realmente represente a mulher?

REFERÊNCIAS

ALBECHE, Daysi Lange. **Imagens do Gaúcho: História e Mitificações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ALBERTI, Lucimar. **Representações sobre o gaúcho na produção musical do conjunto “Os Fagundes”**. Textura, 2008.

CBTG, Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha. Porto Alegre, 04 de set. de 2019. Disponível em: <<https://www.cbtg.com.br/noticia/imprensa-e-relacoes-publicas/quantidade-de-ctgspiquetes-no-brasil/18/206/>>. Acesso em: 25 de nov. de 2019.

CLAUDIO, Luiz; ULIAN, Marquinhos; COELHO, Sandro. **Ajoelha e Chora**. 2003. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/grupo-tradicao/113128/> > Acesso em: 22 de abr. 2021.

COLETÂNEA DA LEGISLAÇÃO TRADICIONALISTA. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho, 1999.

CORRÊA, João Luiz. **Cantando pra lua**. 2008. Disponível em: < <https://musicatradicionalista.com.br/musica/365/letra-cantando-pra-lua.html> > Acesso em: 22 de abr. 2021.

CÔRTEZ, João Carlos Paixão. LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Manual de Danças Gaúchas**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1997.

___ **Aspectos da Sociabilidade Gaúcha - entre o "gaudério" e o "fandango"**. Porto Alegre: Represom, 1985.

___ **Danças e Andanças da Tradição Gaúcha**. Porto Alegre: Editora Garatuja, 1975.

CUNHA, João Flores da. O negro no Rio Grande do Sul: uma história de omissão e esquecimento. **Instituto Humanitas Uninsinos**. São Leopoldo, 19 de nov. de 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/562518-o-negro-no-rio-grande-do-sul-uma-historia-de-omissao-e-esquecimento>>. Acesso em: 25 de nov. de 2019.

DUTRA, Cláudia P. **A Prenda no Imaginário Tradicionalista**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002. 126f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.

FAGUNDES, Antônio Augusto. **Curso de Tradicionalismo Gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

___ **Indumentária Gaúcha**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995.

FERREIRA, Clarissa. **Nem chinoca, nem flor, nem morocha!**: Sobre o machismo e a música gauchesca. 2014. Disponível em <<http://gauchismoliquido.blogspot.com/2014/11/nem-chinoca-nem-flor-nem-morocho-sobre.htm> l> Acesso em: 25 de abr. 2021.

FERREIRA, Cyro Dutra. **35 CTG. O Pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG**. Porto Alegre: Edições Renascença, 1999.

FERREIRA, Mauro; FERREIRA, Roberto S. **Morocho**. 1984. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/davi-menezes-jr/1728806/>> Acesso em: 22 de abr. 2017.

FLORES, Moacyr. **Historiografia - Estudos**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.

FREITAS, Décio. O Desfalecido Orgulho Gaúcho. *In*: FISCHER, Luis Augusto. GONZAGA, Sérgio. (Coord.) **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998. p. 36-38.

GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.

___ **Identidades**: Questões sobre as representações socioculturais no gauchismo. Passo Fundo: Clio Méritos, 2004.

GOULART, Jorge Salis. **A Formação do Rio Grande**. Porto Alegre: Martins Livreiro, Caxias do Sul: EDUCS, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio Grande do Sul: 1833-1834**. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1983.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher**: a moral e o imaginário (1889-1930). 2 ed.amp. Bagé: Ediurcamp, 2019. 100p.

JACQUES, João Cezimbra. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

LAMBERTY, Salvador Fernando. **ABC do Tradicionalismo Gaúcho**. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1989.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Mão Gaúcha**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

___ **Nativismo**: um fenômeno social gaúcho. Porto Alegre: L & PM, 1985.

___ Porteira Aberta. *In*: FISCHER, Luis Augusto. GONZAGA, Sérgio. (Coord.) **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998. p. 7276

___ **Rio Grande do Sul**: Prazer em Conhecê-lo. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1984.

MACIEL, Maria Eunice. **A Memória Tradicionalista**: Os Fundadores. Trabalho apresentado no XXIII Encontro Anual do ANPOCS, Caxambu, 1999.

MARIANTE, Hélio Moro. **História do Tradicionalismo Gaúcho**. Porto Alegre: Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, Cadernos Gaúchos, nº 1, 1976.

PEDRO, Maria Joana. As mulheres do Sul. *In*: PRIORE, Mary Del (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. **Getúlio Vargas, Meu Pai**. Porto Alegre: Editora Globo, 1960.

PERROT, Michele. Práticas da Memória Feminina. In: Revista Brasileira de História. Vol. 9, nº 18. São Paulo, Editora Marco Zero, 1989. p. 0918

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: **Estudos Históricos**. Vol. 2, nº 3. Rio de Janeiro, 1989. p. 03-15

RETAMOZO, Aldira Correa. **Mulheres de 35**. Porto Alegre, Presença, 1987.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1997.

SARAIVA, Glaucus. **Manual do Tradicionalismo**. Orientação Geral para Tradicionalistas e Centros de Tradições Gaúchas. Porto Alegre: Sulina, 1968.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Lisboa, Edições 70, 1983.